

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

HENRYQUE VARGAS CABRAL

**O TWITTER COMO PLATAFORMA DE RELAÇÕES PÚBLICAS  
INTERNACIONAIS DO GOVERNO UCRANIANO EM TEMPOS DE GUERRA.**

PORTO ALEGRE

2023

HENRYQUE VARGAS CABRAL

**O TWITTER COMO PLATAFORMA DE RELAÇÕES PÚBLICAS  
INTERNACIONAIS DO GOVERNO UCRANIANO EM TEMPOS DE GUERRA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Porto Alegre

2023

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Henryque Vargas Cabral

### **O TWITTER COMO PLATAFORMA DE RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS DO GOVERNO UCRANIANO EM TEMPOS DE GUERRA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

#### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas - UFRGS  
Orientador

---

Profa. Dra. Fabiane Sgorla  
Examinadora

---

Profa. Dra. Elisângela Lasta  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço meus pais que me proveram todo o suporte necessário não só para terminar a graduação mas também para ingressar em uma universidade federal, muito obrigado por independente de todos os problemas que a vida apresenta vocês sempre me estarem ao meu lado.

As minhas amigas que foram extremamente importantes nessa longa caminhada, Isabel Cony e Camila Stawinski, as quais acreditam muito mais em mim do que eu mesmo, muito obrigado por me apoiarem nas crises, me ouvirem nas intermináveis reclamações e por partilharem momentos que relembro sempre que preciso de uma motivação extra.

A minha namorada que me inspira a sempre querer ir mais longe e planejar um futuro, obrigado Laura - por tudo - esse trabalho não teria existido sem você.

E a todo o corpo acadêmico da FABICO, ao qual me guiou - pacientemente - durante a evolução que tive desde o garoto recém saído do ensino médio até o jovem profissional de hoje, em especial as professoras Helenice, Fabiane e Ana Cristina cada qual me ajudou e inspirou muito a sua maneira. E ao professor Guibson que acreditou em meu projeto e ao compartilhar meu amor por história me inspira a continuar unindo comunicação e história em outros aspectos da minha vida.

Obrigado!



Отде, люди, наша слава,  
Слава України!<sup>1</sup>  
**(Taras Shevchenko)**

---

<sup>1</sup> "Glória ao nosso povo. Glória à Ucrânia!".

## RESUMO

Este trabalho teve a finalidade de analisar as postagens de Volodymyr Zelensky no *Twitter*, a partir da invasão russa ao território ucraniano, com o intuito de identificar as estratégias de relações públicas utilizadas pelo governo ucraniano para cativar a opinião pública internacional. Para a interpretação dos fatos, foram utilizadas as premissas de Roberto Porto Simões (1995) e alguns de seus comentadores (SGORLA et al, 2011), que enxergam as relações públicas como uma função política. O trabalho foi baseado na metodologia intitulada T.CH.AO., proposta por DANTAS (2023), em que se pretende estabelecer um corpus teórico, uma contextualização histórica e a análise do objetivo - neste caso, a identificação de quatro estratégias empreendidas por Volodymyr Zelensky. Conclui-se que, durante o primeiro ano de guerra, o mandatário ucraniano utilizou o *Twitter* como plataforma de relações públicas internacionais, ao postar informações que buscavam estabelecer laços diplomáticos com países e outros agentes do sistema internacional.

Palavras-chave: Ucrânia; Zelensky; guerra; *Twitter*; relações públicas internacionais; diplomacia, *soft power*.

## **ABSTRACT**

This work aimed to analyze the posts of Volodymyr Zelensky on Twitter, from the Russian invasion to the Ukrainian territory, with the intention of identifying the Public Relations strategies used by the Ukrainian government to captivate the international public opinion. For the interpretation of the facts, the premises of Roberto Porto Simões (1995) and some of his commentators (SGORLA et al, 2011) were used, who see public relations as a political function. The work was based on the methodology entitled T.CH.AO., proposed by DANTAS (2023), in which it is intended to establish a theoretical corpus, a historical context and the analysis of the objective - in this case, the identification of four strategies undertaken by Volodymyr Zelensky. It is concluded that, during the first year of war, the Ukrainian president used Twitter as a platform for international public relations, when posting information that sought to establish diplomatic ties with countries and other agents of the international system.

Keywords: Ukraine; Zelensky; war; Twitter; international public relations; diplomacy, soft power.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> A estepe pontiaca.	25
<b>Figura 2:</b> Rotas usadas pelos Rus para chegarem à Constantinopla e Bagdá.	26
<b>Figura 3:</b> Volodymyr o Grande em nota de 1 Grívnia ucraniana.	28
<b>Figura 4:</b> Tweet de Volodymyr Zelenskiy comemorando o dia da Cristianização do Rus'.	29
<b>Figura 5:</b> Principados resultantes da queda do Rus de Kyiv.	31
<b>Figura 6:</b> Mapa das terras ocupadas por cossacos no século XV.	33
<b>Figura 7:</b> Representação de um assentamento cossaco.	34
<b>Figura 8:</b> Nicolau II e sua família cercados de oficiais cossacos.	35
<b>Figura 9:</b> Mapa da Ucrânia segundo um cartão postal ucraniano em 1919.	37
<b>Figura 10:</b> Soldados Russos sem identificação "Little green man" em 2014 na Criméia.	40
<b>Figura 11:</b> Mapa das zonas ocupadas pelos rebeldes quando a linha de frente se solidificou ao final de 2014 e começaram as negociações.	41
<b>Figura 12:</b> Tropas russas no porto de Mariupol.	43
<b>Figura 13:</b> Pesquisa de aprovação de Volodymyr Zelensky nos Estados Unidos.	50
<b>Figura 14:</b> Pesquisa de aprovação de Governantes estrangeiros nos Estados Unidos.	51
<b>Figura 15:</b> Com visões específicas da população de cada país, traduzindo-se na quantidade de apoio militar em relação ao PIB que tal país oferece à Ucrânia.	52
<b>Figura 16:</b> Categorização das postagens de Zelensky.	53
<b>Figura 17:</b> Postagem comentando sobre o papel da Ucrânia no andamento do acordo de exportações de grãos.	55
<b>Figura 18:</b> Postagens de Volodymyr Zelensky parabenizando a eleição do presidente Lula no Brasil.	56
<b>Figura 19:</b> Postagem agradecendo o apoio financeiro e militar da Noruega à Ucrânia.	57
<b>Figura 20:</b> Postagem expressando condolências pelo incidente que deixou 153 mortos durante uma comemoração de Halloween em Seul.	58

**Figura 21:** Postagem expressando indignação pelo ataque em um prédio residencial, à época, a mais de 20 quilômetros da linha de frente que deixou mais 30 civis mortos em Kramatorsk. 59

**Figura 22:** Postagem cobrando ações por parte da comunidade internacional a fim de evitar uma tragédia nuclear na maior usina nuclear da Europa que tornou-se parte do campo de batalha durante a maior parte da guerra e sofre com dificuldades para ser mantida e resfriada. 60

**Figura 23:** Postagem ironizando as recentes falas do empresário Elon Musk que replicaram a retórica de Moscou mesmo que previamente o mesmo tivesse oferecido suporte material à Ucrânia. 61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES PÚBLICAS A SERVIÇO DE GOVERNOS NO ÂMBITO INTERNACIONAL</b>	<b>16</b>
1.1. As relações públicas como função política	16
1.2. As relações públicas internacionais.	19
1.3. Instrumentos digitais de Relações Públicas Internacionais	21
1.3.1. Twitter	21
1.3.2. Facebook	22
1.3.3. Tik Tok	22
1.3.4. Instagram	23
1.4. Soft Power e a interação com as relações públicas internacionais	23
<b>CAPÍTULO 2 – A conturbada história da Ucrânia, o portão da Europa</b>	<b>25</b>
2.1. As origens eslavas de bielorrussos, ucranianos e russos (400–800)	25
2.2. Idade de ouro em Kyiv (800–1100): a Rússia de Kiev	28
2.3 Cossacos - Os campos selvagens (1400 - 1918)	32
2.4. A Ucrânia como república soviética	36
2.5. Colapso da União Soviética e independência	39
2.6. A “Operação Militar Especial” e a retórica russa	43
<b>CAPÍTULO 3 – O DISCURSO DO PRESIDENTE UCRANIANO EM MEIO À INVASÃO RUSSA</b>	<b>50</b>
3.1. Análise e categorização das postagens: o fenômeno Zelensky no Twitter	50
3.2. Transparência e Prestação de contas	55
3.3. Agradecimentos e aprimoramento de relações diplomáticas:	56
3.4. Geradoras de Awareness	59
3.5. Cobrança diplomática	60
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

A longa controvérsia histórica, cultural e ideológica entre Rússia e Ucrânia - países que juntamente com Belarus, possuem uma origem comum - escalou para um conflito militar a partir de 2014, quando as regiões ucranianas da Crimeia e Sevastopol foram anexadas pela Federação Russa, após declarar unilateralmente a sua independência da Ucrânia e pedirem a anexação à Rússia de acordo com um referendo que refletiu tal desejo.

A reação da comunidade internacional em relação à agressão russa foi relativamente tímida, com a aprovação de sanções por parte da União Europeia e dos Estados Unidos e condenações públicas por parte de vários líderes mundiais, como, por exemplo, Anders Fogh Rasmussen, então Secretário-Geral da OTAN, que condenaram as ações da Rússia como uma anexação ilegal. Para autores como PLOKHY (2022), MAGOCSI (2010) e PIELLA (2022), esta adesão pela Rússia provocou a pior crise nas relações entre o Oriente e o Ocidente desde o fim da Guerra Fria.

Entretanto, o conflito ganhou contornos dramáticos após Vladimir Putin autorizar a chamada Operação Militar Especial na região de Donbas, no leste da Ucrânia, controlada por separatistas pró-Rússia, sob o argumento de que era necessário desnazificar o país vizinho, além de defender um povo submetido a oito anos de 'genocídio pelo regime de Kiev'.

Esta etapa do conflito ganhou grande visibilidade na mídia internacional por ser vista pelos especialistas como o maior conflito europeu desde a segunda guerra mundial e a mais influente desde o fim da guerra fria. Além disso, destaca-se a utilização de armamentos de última geração - como drones e mísseis guiados - e, por conta da revolução digital, atualizações em tempo real na Internet sobre o que ocorria no campo de batalha, o que acabou fomentando uma disputa de narrativas entre as duas partes envolvidas.

A utilização de equipamento militar tecnologicamente avançado - somado aos equipamentos menos avançados dos vastos arsenais ex-soviéticos - fez com que

para obter qualquer sucesso militar, a Ucrânia dependesse de ajuda militar, humanitária e financeira externa. Tornou-se, assim, imperativo para o governo ucraniano trabalhar o seu *Soft Power* para convencer os governos estrangeiros a prover a contínua e custosa ajuda para que o governo ucraniano tivesse meios de continuar a defender-se.

No intuito de compreender melhor como se deu a construção dessa narrativa e as tentativas de ampliar seu *Soft Power* por parte do país invadido, este trabalho foi construído com a finalidade de analisar as postagens de Volodymyr Zelensky no *Twitter*, a partir da invasão russa ao território ucraniano, com o intuito de identificar as estratégias de Relações Públicas utilizadas pelo governo ucraniano para cativar a opinião pública internacional.

Em outras palavras, objetiva-se responder a seguinte pergunta: quais estratégias foram utilizadas para que o *Twitter* de Volodymyr Zelensky se convertesse num instrumento de soft power da Ucrânia?

Com o intento de apontar indícios para cumprir com o seu objetivo, este trabalho se baseou nas premissas de Roberto Porto Simões (1995) e alguns de seus comentadores (SGORLA et al, 2011) - que enxergam as relações públicas como uma função política - e foi estruturado em três capítulos, de acordo com o desenho metodológico intitulado T.CH.AO., proposto por DANTAS (2023): o primeiro, teórico; o segundo, uma contextualização histórica; o terceiro, uma análise do objeto.

No primeiro capítulo, procuramos fazer uma breve discussão sobre as relações públicas como uma função política, de acordo com as premissas de Roberto Porto Simões e seus comentadores, como também refletir sobre o empreendimento das relações públicas no âmbito internacional, além de apontar suas principais ferramentas digitais.



No segundo capítulo, serão apresentados alguns aspectos da história Ucrânia - desde suas origens eslavas até a invasão russa de 2022 -, bem como a sua delicada posição geopolítica. Este capítulo é fundamental para a compreensão da crise entre os dois países eslavos, pois muitos dos argumentos utilizados pelos russos para legitimar a sua ação militar tem origem, justamente, na remota história daquela região do Leste europeu.

No terceiro capítulo, a atuação do presidente da Ucrânia - Volodymyr Zelensky - no twitter será analisada sob a ótica das relações públicas internacionais. Neste capítulo foi empreendida uma categorização de 295 postagens extraídas de seu perfil oficial em língua inglesa no ano de 2022.

Essas postagens foram divididas em quatro categorias - cada uma representando uma estratégia para cativar a opinião pública internacional: transparência e prestação de contas, agradecimentos e aprimoramento de relações diplomáticas, geradoras de awareness e cobrança diplomática.

Finalmente, nas considerações finais, a partir de uma síntese das ideias apresentadas ao longo do trabalho, em especial da análise, são discutidas as últimas questões relevantes ao estudo.

## **CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES PÚBLICAS A SERVIÇO DE GOVERNOS NO ÂMBITO INTERNACIONAL**

No presente capítulo trataremos de fazer uma breve discussão sobre as relações públicas como uma função política, de acordo com as premissas de Roberto Porto Simões e seus comentadores, como também refletir sobre o empreendimento das relações públicas no âmbito internacional, além de apontar suas principais ferramentas digitais.

### **1.1. As relações públicas como função política**

As relações públicas é uma área da Comunicação Social que surgiu há pouco mais de cem anos sob um termo polissêmico que compreende, ao mesmo tempo, vários significados, seja ele como uma filosofia administrativa, um processo, uma função, uma atividade ou cargo funcional. Seja qual for a definição, as Relações Públicas visam, na verdade, "harmonizar os interesses privado e público, melhorando a imagem do cliente perante a opinião pública e gerando, conseqüentemente, capital financeiro ou social para o mesmo" (DANTAS, 2016, p. 6).

Um dos campos em que as Relações Públicas é mais aplicada é a política, pois possui instrumentos capazes de legitimar as decisões do alto escalão, o que acaba despertando o interesse e a compreensão dos públicos sobre as suas decisões. De acordo com Fabiane Sgorla et all (2011, p. 6),

“A legitimação pode ser registrada como um processo que concede validade e valor aos significados dos campos. Somente através dessa validação é possível transmitir as práticas e discursos dos campos sociais para as próximas gerações”

Visto que o processo de legitimação pode ser alcançado somente através da comunicação (SGORLA et all, 2011), as Relações Públicas têm uma função crucial

no processo de legitimação dentro de qualquer processo político, tanto no âmbito local como também no global, afinal cabe a essa área “a finalidade de prever e controlar a função de relacionamento implícita ao agir organizacional” (Simões, 1995, p.31).

Quem melhor enxergou as Relações Públicas como uma função política foi Roberto Porto Simões, que a considera como um processo multidimensional de interação entre governos (ou Estados) e seus públicos, cuja finalidade é prever e controlar o exercício do poder desse relacionamento. O resultado desejado é o estabelecimento e preservação de uma compreensão mútua entre os dois pólos desse sistema, isto é, entre a representação política e seus públicos.

O referido autor propõe estudar as Relações Públicas a partir do viés da política e das teorias de poder, pois entende que a essência das Relações Públicas está justamente na relação de poder entre emissor e receptor(es). A título de curiosidade, Norberto Bobbio (1997), por exemplo, enxerga o poder como um tipo de relação entre sujeitos que está atrelada à posse dos meios que permitem alcançar uma vantagem qualquer ou os efeitos desejados.

De acordo com Brandy Aguiar (2022, p. 16), "isso torna-se tangível ao examinarmos algumas das estratégias governamentais empreendidas por meio de ações de política externa de países democráticos". O intuito é conseguir uma reputação positiva numa época caracterizada por uma intensa troca de informações que permeia a sociedade pós-revolução informacional.

Devido ao caráter estratégico da atuação de Relações públicas, Kleger (2008, p. 37) afirma que:

“As Relações Públicas podem ocupar lugar de sujeito estratégico nas organizações, pois além de prever e planejar podem apresentar uma visão global da instituição e do ambiente. Tal habilidade proporciona respostas rápidas com base nas informações já existentes, ou se não existentes, com base em fontes que já são conhecidas, facilitando o contato e a formulação de ações estratégicas.”

Dessa forma, fica claro que, como função política, as Relações Públicas administram não só as relações de poder, mas também as crises e os conflitos que possam surgir dentro do espectro governamental e estatal. Para desempenhar esta função, entretanto, requer que o profissional que responde por essa área entenda como se dão as relações de poder dentro do ambiente político, e como elas se refletem no ambiente externo. Além disso, também é importante atentar para o desafio que é administrar as crises e conflitos - processos que, vale ressaltar, são inerentes à interação humana.

A área de administração de crises de conflitos (*issues management*) é citada por James Grunig (1992) como uma função de relações públicas, já que pressupõe negociações, estratégias de comunicação e ações corretivas que têm como objetivo a resolução de possíveis problemas que possam surgir na interação entre os polos.

Por conta dessas características, Simões (2009) afirma que a dimensão política das Relações Públicas dá subsídios para que ela, como uma subárea das Ciências da Comunicação, compreenda um conhecimento científico que prevê e faz entender e explicar o exercício de poder no sistema governo-públicos.

Kunsch (2003) corrobora com as ideias de Simões ao observar que, na política, as relações públicas se configuram numa importante ferramenta para intermediar a comunicação entre o agente político e seus públicos estratégicos. De acordo com a autora, as atividades de relações públicas são funções que:

Identificam os públicos, suas reações, percepções e pensam em estratégias comunicacionais de relacionamentos de acordo com as demandas sociais e o ambiente organizacional; supervisionam e coordenam programas de comunicação com públicos [...] Prevêem e gerenciam conflitos e crises que porventura passam as organizações e podem despontar dentro de muitas categorias: empregados, consumidores, governos, sindicatos, grupos de pressão etc. (KUNSCH 2003, p. 95).

Dessa forma, entende-se que o emprego de estratégias de relações públicas no cenário político para conseguir "o apoio público, por meio de ampla divulgação das realizações e planos governamentais e da oportunidade de participação que proporciona a todos os cidadãos" (ANDRADE, 1993, p. 48), acaba "fortalecendo as relações entre governo e cidadãos" (PIMENTA, 2007, p. 5), pois estimula a participação da população e aumenta, gradualmente, a confiança desta em relação às ações e decisões governamentais.

## **1.2. As relações públicas internacionais.**

A interdependência econômica criada pelo avançado processo de globalização que se solidificou após a Segunda Guerra Mundial faz com que as relações entre os governos e seus públicos aconteçam, muitas vezes, no âmbito internacional.

Para Tilly (1995) a globalização trouxe um aumento da distância do que pode ser considerado relações locais, por vezes, mesclando as interações internacionais e locais. Devido aos benefícios econômicos experimentados pela globalização ao final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, este modelo de integração total e o comércio global se impôs a todos os países - independentemente de sua ideologia, forma de governo ou história.

Esse modelo econômico levanta três aspectos principais que são relevantes para o entendimento de relações públicas internacionais: é dependente de novas tecnologias, é em rede e esta rede se expande pelo mundo todo. Castells (2006, p. 119) entende cada um destes pilares da seguinte forma:

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia [...] dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação e tecnologias de mercado) estão organizados em escala global [...]. É em rede porque, nas novas

condições históricas, a produtividade é gerada e a concorrência é feita em uma rede global de interações entre redes empresariais. (CASTELLS, 2006, p. 119)

Assim, é possível entender que o caráter social da globalização e da revolução informacional acabam por acionar todas as esferas da comunicação, incluindo em especial as relações públicas, que agora precisam trabalhar seu objetivo básico de planejar e criar uma imagem positiva em um contexto crescentemente internacionalizado.

Ao considerarmos as relações públicas como um processo que visa a criação de imagens positivas de uma instituição perante seus diferentes públicos estratégicos com o intuito de harmonizar interesses (DANTAS, 2009), ela também passou a ser empregada no âmbito global por consequência das interconexões estabelecidas, em ampla escala, por meio de redes (CASTELLS, 1999).

Assim, novas delimitações acerca do macroambiente internacional da relações públicas começaram a ser propostas. Nesse contexto Brasil (1997, p.21) define as relações públicas internacionais como:

o conjunto de medidas, iniciativas, esforços, e formas práticas de ação e expressão que visam obter mais estreito e produtivo relacionamento entre os povos, no sentido de estimular e facilitar o entendimento, a coexistência e a cooperação entre eles; no sentido também de fomentar melhores e mais amplas atividades de intercâmbio comercial e industrial; e finalmente, com o objetivo de ampliar os níveis de cultura geral, através de mútuas facilidades de acesso aos respectivos patrimônios e instrumentos de cultura.

A ideia de enxergar as relações públicas internacionais como ações estratégicas empreendidas por empresas multinacionais, organizações não governamentais, governos e Estados<sup>2</sup> para promover uma imagem positiva perante

---

<sup>2</sup> No caso de países, o resultado de tais ações gera o que é conhecido como *soft power*, que, segundo Joseph Nye (2004), é a capacidade de cooptar em vez de coagir, em direto contraste com o *hard power* - que, por sua vez, diz respeito à habilidade de um país de impor sua vontade pela coação. Dessa forma, *soft power* envolve moldar as preferências dos outros através de apelo e atração.

comunidades estrangeiras, é complementada por Sebastião (2015, p.78) que entende as relações públicas internacionais como o “esforço planejado e estruturado de uma organização [ou país], para estabelecer relações mutuamente benéficas com públicos de outras nações”.

Além do desafiador contexto de manejar a imagem em um ambiente internacionalizado, é necessário levar em consideração as ferramentas de comunicação criadas durante a revolução comunicacional que propiciaram a percebida redução de distâncias e aumentaram drasticamente a velocidade da comunicação entre as partes (GIDDENS, 2007).

Desse modo, as relações públicas internacionais são utilizadas como uma ferramenta para o esforço de relações exteriores dos países, com o intuito de viabilizar boas relações e um clima de confiança para com os diferentes públicos dentro do sistema internacional<sup>3</sup>.

### **1.3. Instrumentos digitais de Relações Públicas Internacionais**

Durante muito tempo as Relações Públicas Internacionais foram empreendidas de forma estática, isto é, utilizando-se apenas de instrumentos de comunicação dirigida tradicionais como, por exemplo, eventos e *house organs*. Com o advento das tecnologias digitais, entretanto, as Relações Públicas Internacionais encontrou na Internet um campo frutífero para aumentar a sua capacidade de dissuasão e convencimento.

Entre os vários instrumentos digitais de Relações Públicas que são empreendidos no âmbito internacional, destacam-se o *Twitter*, o *Facebook*, o *Tik Tok* e o *Instagram*.

#### **1.3.1. Twitter**

O *Twitter* é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários enviar e receber mensagens curtas chamadas "*tweets*". Estes tweets são limitados a 280 caracteres e podem incluir texto, imagens, vídeos e links. Ele é usado, principalmente, para comunicação e compartilhamento de informações com um

---

<sup>3</sup> Sistema Internacional é o cenário anárquico - isto é, desprovido de liderança - onde ocorrem as relações internacionais (DIAS, 2010)

grande público de forma extremamente rápida e prática.

Os governos podem usar o Twitter de diversas maneiras para criar legitimidade e se conectar com seus públicos. Ele pode ser utilizado como um instrumento de atendimento à população; para promover marketing político; criar uma imagem positiva do governo ou Estado perante a opinião pública internacional; atuar como ferramenta de apoio em crises diplomáticas; estabelecer redes e parcerias.

Em geral, o *Twitter* fornece aos governos uma plataforma poderosa para se envolver com seu público, construir sua marca e atingir seus objetivos.

### 1.3.2. **Facebook**

O *Facebook* é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários se conectarem com amigos, familiares e outras pessoas em sua rede. O *Facebook* é comumente utilizado por governos para estreitar seu relacionamento com a população do país e outros grupos interessados.

Em geral, o Facebook oferece às organizações uma plataforma poderosa para se envolver com seu público, construir sua marca-país e atingir seus objetivos.

### 1.3.3. **Tik Tok**

O TikTok é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários criar e compartilhar vídeos em forma curta, normalmente com duração de 15 a 60 segundos. TikTok tem se tornado cada vez mais popular nos últimos anos, particularmente entre as gerações mais jovens.

É uma plataforma que os governos têm utilizado para estreitar sua relação com o público jovem, inculcar ideias de responsabilidade social e ambiental, além de construir comunidades em torno dos valores que deseja difundir.



#### 1.3.4. Instagram

Os governos utilizam o Instagram de diversas maneiras para se comunicar com seus cidadãos e promover suas políticas e iniciativas. Entre as várias maneiras de utilizar esta plataforma como canal governamental, destacam-se: compartilhamento de atualizações e notícias; fornecimento de conteúdo educacional; destaque de serviços governamentais; envolvimento com os cidadãos; promoção de engajamento cívico.

#### 1.4. *Soft Power* e a interação com as relações públicas internacionais

Uma vez conhecida as ferramentas dispostas nos meios digitais ao governo ucraniano e a função inerentemente política das relações públicas é preciso entender, então, o significado de *Soft Power*, conceito criado por Nye (2004), que o define como::

O conceito básico de poder é a capacidade de influenciar os outros para que façam o que você quer. Basicamente, há três maneiras de se fazer isto: uma delas é ameaçá-los com porretes; a segunda é recompensá-los com cenouras; e a terceira é atraí-los ou cooptá-los para que queiram o mesmo que você. Se você conseguir atrair os outros, de modo que queiram o que você quer, vai ter que gastar muito menos em cenouras e porretes.

Logo é possível compreender que *Soft Power* é um poder intrinsecamente ligado à construção de uma narrativa e uma estratégia comunicacional, afinal para que outros estados possam ser convencidos é necessário um excelente controle da imagem e do discurso.

Devido ao seu caráter subjetivo, *Soft Power* é o mais difícil dos poderes a ser manejado, e não obstante, na era da revolução comunicacional, o acesso ao discurso e a construção de imagem é ainda mais difusa (NYE, 2004). Por conta disso, é necessário que o mesmo seja desenvolvido e implantado por profissionais capacitados para o exercício de cargos que trabalhem diretamente com os setores responsáveis pela política externa de um país.

Nesse sentido, as relações públicas internacionais se tornam um instrumento estratégico do qual Estados e governos se utilizam para promover uma imagem positiva perante a opinião pública internacional. Segundo Dantas (2022), as relações públicas internacionais são imprescindíveis aos Estados e governos por ser um importante instrumento para a construção de uma opinião pública internacional positiva que acarreta em ganhos sociais, econômicos, culturais e políticos - o que acaba beneficiando qualquer esforço no sentido de desenvolver o Soft Power de um país.

## **CAPÍTULO 2 – A conturbada história da Ucrânia, o portão da Europa**

A Ucrânia é um país situado entre a Europa Central, a Rússia e o Oriente Médio, que tem sido moldado por diversos impérios ao longo da história - desde os Romanos e Otomanos até o Terceiro Reich e a União Soviética -, com vários episódios de ataques contra a sua integridade territorial.

No dia 21 de fevereiro de 2022, por exemplo, o presidente da Rússia, Vladimir Vladimirovich Putin, para justificar a intitulada "Operação Militar Especial na Ucrânia", fez um discurso na TV nacional russa em que contestou a legitimidade do Estado ucraniano sob o argumento de que os habitantes daquele país são, na verdade, russos rebelados que estão privados do seu direito de pertencer à Federação Russa.

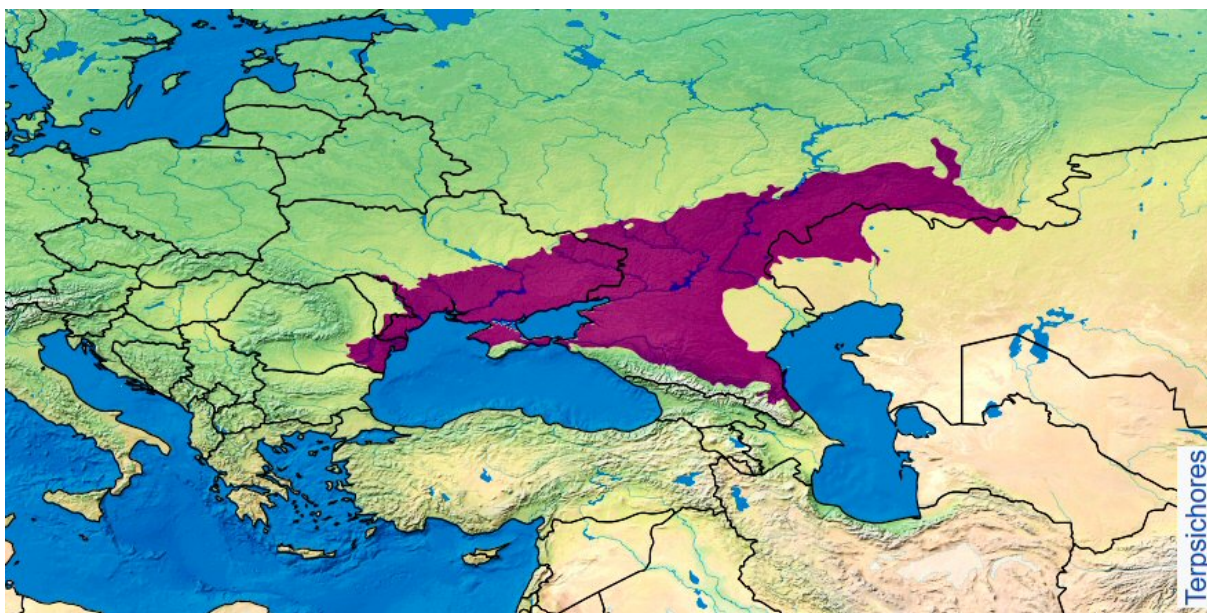
Com o intuito de compreender o papel da Ucrânia no sistema internacional, neste capítulo serão apresentados alguns aspectos da história do referido país europeu - desde suas origens eslavas até a invasão russa de 2022 -, bem como a sua delicada posição geopolítica.

### **2.1. As origens eslavas de bielorrussos, ucranianos e russos (400–800)**

As origens da Ucrânia moderna estão atreladas à estepe pântica, local em que o cavalo foi domesticado há mais de cinco mil anos atrás. A referida estepe é um terreno predominantemente plano e coberto de vegetação rasteira, o que a dotou, ao longo do tempo, como uma importante região de produção de grãos e comércio, além de ter se configurado numa "auto estrada" natural, que permitiu a passagem e migração de diversos povos, como, por exemplo, os hunos, os ostrogodos ou os visigodos.

Entretanto, dos povos que habitaram a estepe pântica, o povo que mais prosperou foi o eslavo, mais conhecido hoje em dia como "protoeslavos", um grupo étnico provavelmente originado às margens do rio Vístula. De acordo com Florin Curta (2001), os eslavos passaram a ser descritos na historiografia por volta do

século XI, e prontamente se diferenciam em relação aos demais povos da região por serem majoritariamente assentados de forma permanente e de economia agrícola, fato que os fez, desde então, enxergar a estepe pântica como seu lar.



(FIGURA 1 - Estepe pântica. Fonte: [Wikipédia em inglês](#))

De acordo com algumas lendas (PORTAL, 1968), um desses assentamentos protoeslavos fora criado por um líder tribal conhecido como Kyi<sup>4</sup>, às margens do rio Dniper, em 482 d.C. Naquela época não se aventava a ideia de uma estrutura centralizada com um aparato governamental unificado, pois todas as tribos eslavas compartilhavam uma mesma cultura, com costumes e principalmente uma língua comum - conhecida como “antigo eslavo oriental”, língua ancestral do ucraniano, bielorrusso e russo -, fato que favorecia a irmandade entre eles.

Quando os eslavos já estavam assentados na região, os vikings - um povo nórdico oriundo da Escandinávia - empreenderam uma série de expedições que visavam desbravar os rios que cortavam o leste europeu. Nessas incursões, os

---

<sup>4</sup> Este líder dá nome a cidade de Kyiv em ucraniano- Kiev em russo - até os dias atuais.

vikings<sup>5</sup> criaram novas rotas comerciais para os ricos mercados de Constantinopla e Bagdá ao explorar as bacias fluviais de Dnieper, Volga e Don (PRICE, 2021).

Ao estabelecerem essas rotas comerciais, os vikings acabaram por estabelecer um estreito relacionamento comercial e cultural com os protoeslavos, que já habitavam a região há algum tempo. Isso pôde ser atestado graças a um manuscrito datado em 879 d.C (PRIMARY CHRONICLE, 2023), em que relata o convite feito pelos protoeslavos do norte ao rei nórdico Rurik para que ele os governasse. De acordo com o documento, Rurik aceitou prontamente o convite e logo converteu a cidade de Novgorod na capital do primeiro reinado eslavo de que se tem notícia.



(FIGURA 2 - Rotas usadas pelos Rus para chegarem à Constantinopla e Bagdá. Fonte: [Departamento de Anglo-saxões, nórdicos e celtas\(ASNC\) da universidade de Cambridge](#))

<sup>5</sup> Os Vikings eram conhecidos, também, como Varegues ou Rus, uma palavra derivada do suéco arcaico que significa “homem que rema” (PRICE, 2021).

Ao estabelecer seu governo na cidade de Novgorod, Rurik criou as bases de manutenção e defesa dentro de uma estrutura governamental unificada para o estabelecimento de um reino. Entretanto, três anos depois de sua posse, Rurik falece e é logo substituído por seu cunhado Helgi - que com o passar dos anos logra uma considerável expansão territorial na fronteira sul, às margens do Rio Dnieper, até se deparar com um antigo assentamento eslavo, que segundo as crônicas de Nestor (monge que viveu no século XII), supostamente teria sido fundada pelo epônimo chefe tribal Kyi quatro séculos antes. Finalmente, ao apossar-se do referido assentamento eslavo, Helgi o batiza de Kyiv e o converte em sua capital, marcando o começo de um reino medieval conhecido como Rus de Kyiv.

## **2.2. Idade de ouro em Kyiv (800–1100): a Rússia de Kiev**

É no Rus de Kyiv que a maioria dos Bielorrussos, Russos e Ucrânianos encontram suas origens e é justamente o legado do Rus de Kyiv que traz a identificação compartilhada entre esses povos<sup>6</sup> - da mesma forma que acontece, por exemplo, entre as nações de línguas românicas como França, Espanha, Portugal, Itália e Romênia ao legado do Império Romano.

Não obstante, é fácil entender o porquê as autoridades da Ucrânia vêm Rus de Kyiv a sua origem: foi lá que se formaram os primórdios de uma identidade ucraniana. Ilustrando este processo, podemos mencionar que foi durante o reinado de Volodymyr "o grande" (979-1015) que o panteão de deuses Eslavos - considerados pagãos - é abolido e a Rus é convertida em uma nação cristã ortodoxa, crença compartilhada entre Russos, Bielorrussos e Ucrânianos até a atualidade.

---

<sup>6</sup> É esse legado compartilhado que será usado no discurso de Vladimir Putin no dia 24 de fevereiro de 2021 no começo da segunda fase da Guerra Russo-Ucraniana, por mais que Ucrânia, Belarus e Rússia clamem serem os sucessores do Rus.





(FIGURA 3 - Volodymyr o Grande em nota de 1 Grívnia ucraniana. Fonte: [National Museum of American History](#) )

Após adoecer gravemente, Volodymyr morre e seu filho, Yaroslav "o sábio"(978 - 1054) ocupa o seu lugar. É neste período que desenvolvem-se um arcabouço legal, inovações burocráticas, reformas populares, programas educacionais voltados para a alfabetização da população através da tradução de textos vindos do Império Bizantino e na introdução do alfabeto ortodoxo - que é partilhado até hoje pelos estados que clamam esse legado. Foi no reinado de Yaroslav que o Portão Dourado de Kiyv e a Catedral de Santa Sophia são construídos na capital ucraniana na época em que a região deixa de ser considerada uma terra selvagem e desorganizada aos olhos dos grandes impérios do ocidente e oriente.

Kiyv rapidamente cresce com o resultado de tais reformas, atingindo a população de 45 mil habitantes, população comparável a cidades como Londres e Viena, tornando-se um importante centro comercial entre mercantes vindos do império bizantino, persa e do coração da Europa. Durante esse período, outras

ciudades<sup>7</sup> de Rus de Kiyv começaram a se desenvolver como Vladimir (Rússia), Polotsk (Belarus<sup>8</sup>) e Novgorod (Rússia).

É comum a disputa entre russos e ucranianos pelo legado do Rus, afinal é no referido reino que são introduzidas as instituições, alfabeto e religião, que são hoje pilares da identidade ucraniana, russa e bielorrussa. Porém, Yaroslav e Volodymyr não eram reis ucranianos ou russos, mas príncipes do Rus medieval, da mesma forma que Caesar não pode ser considerado um antigo governante italiano. Os ucranianos, de forma particular, enxergam o fato do Rus ter se desenvolvido em torno da sua capital como um traço fundamental da origem de sua identidade nacional, muito antes da existência de Czares ou da cidade de Moscou.



(FIGURA 4 - Tweet de Volodymyr Zelenskiy comemorando o dia da Cristianização do Rus')

Se a ascensão do Rus de Kiyv foi o que sedimentou os pilares de uma identidade ucraniana, russa e bielorrussa comum, a sua dissolução começaria a partir do declínio do Rus de Kiyv, que possibilitou o surgimento de diferenças regionais que semearam as especificidades de tais identidades até hoje.

Entende-se que o começo do declínio do Rus de Kiyv acontece a partir da morte de Yaroslav "o sábio" em 1054 d.C, quando o território do reinado é retalhado em vários principados com autonomia política, o aumento da migração de tribos

<sup>7</sup> Segundo Serhii Plokyh (2022), cidades como Minsk, São Petersburgo e Moscovo não são mencionadas até meados do século XII.

<sup>8</sup> Neste trabalho, optamos por utilizar o termo Belarus. Desde 1991, quando o país declarou a sua independência, a Bielorrússia, nome dado pelo invasor estrangeiro, adotou o nome de Belarus.



cumanos<sup>9</sup> de outras partes da estepe, as constantes guerras civis e o declínio do principal parceiro econômico do Rus, o império bizantino. acabou inviabilizando o príncipe de Kiyv a exercer um poder centralizado sobre o reino.

De acordo com Serhii Plokhy (2022), é no entorno desses novos principados que surgem as diferenças sociais e étnicas que vemos hoje entre as chamadas “três Rússias”, a grande Rússia (Federação Russa), a Rússia Branca (Belarus) e a pequena Rússia (Ucrânia). É justamente a partir desse momento que não teremos mais um único estado unindo todos os eslavos orientais até o surgimento do império Russo, quando Catarina "a grande" conquistou o território da Belarus e da Ucrânia em 1796 d.C.

Há controvérsias em relação às origens desses territórios. Os Russos comumente vêem o principado de Novgorod e Vladimir-Suzdal como os precursores diretos do Grão-Principado de Moscou, o local que forjou a identidade nacional russa e o próprio império russo (FIGES, 2023). Por outro lado, historiadores bielorrussos enxergam o principado de Polotsk como originário de sua cultura e identidade nacional. Já os historiadores ucranianos afirmam que a sua etnicidade foi forjada nos principados de Halych e Volhynia, que viriam a se unir e formar o Grão-principado de Galícia-Volhynia.

---

<sup>9</sup> Os cumanos, também conhecidos como polovetsianos, eram povos nômades turcomanos.



(FIGURA 5 - Principados resultantes da queda do Rus de Kyiv. Fonte: [Wikipédia em polonês](#))

Há controvérsias em relação às origens desses territórios. Os Russos comumente vêem o principado de Novgorod e Vladimir-Suzdal como os precursores diretos do Grão-Principado de Moscou, o local que forjou a identidade nacional russa e o próprio império russo (FIGES, 2023). Por outro lado, historiadores bielorrussos enxergam o principado de Polotsk como originário de sua cultura e identidade nacional. Já os historiadores ucranianos afirmam que a sua etnicidade foi forjada nos principados de Halych e Volhynia, que viriam a se unir e formar o Grão-principado de Galícia-Volhynia.

### 2.3 Cossacos - Os campos selvagens (1400 - 1918)

Estes principados, no entanto, não resistiram ao avanço mongol. Com a exceção do Reino da Galícia-Volhynia (no futuro chamado de Rutênia), todos eles se

converteram em estados tributários dos mongóis, e tiveram seu poder esvaziado, não podendo exercer controle sobre as suas próprias fronteiras de forma plena.

Mesmo com a queda dos mongóis, em 1368, a autonomia dos principados não foi restabelecida. Aproveitando a desordem administrativa no campo, tribos de origem tártara<sup>10</sup> passaram a aterrorizar as fronteiras, tornando o interior dos principados uma terra sem lei, já que os Estados eram incapazes de garantir a segurança do seu território.

Em 1500, as incursões chegaram a atingir a cidade de Brest-Litovsk. Em 1505 os roubos chegam a cidade de Minsk em seu ápice as tribos nômades tártaras chegaram a atacar a cidade de Vilnius (1510) uma das capitais da república de duas nações e em 1571 a maior parte da cidade de Moscou é queimada em uma incursão tártara, restando apenas o que podia ser protegido pelas muralhas do Kremlin. Esse território onde os tártaros dominavam ficaram conhecidos em ucraniano como Дике Поле (campos selvagens). É neste contexto que surgem os cossacos como, explica Subtelny (2000, p.106)

“O que tornou o "campo selvagem" tão proibitivo foram os Tartares. Ano após ano, os seus rápidos assaltos varreram as cidades e aldeias para pilhar, matar os velhos e frágeis, e capturar milhares de civis para serem vendidos como escravos no porto da Crimeia de Kaffa, uma cidade frequentemente referida pelos russos como "o vampiro que bebe o sangue de Rus" (...) Por exemplo, de 1450 a 1586, foram registradas oitenta e seis incursões, e de 1600 a 1647, setenta. Embora as estimativas do número de cativos capturados numa única incursão atingisse 30.000, o número médio aproximava-se dos 3000... Só em Podilia, cerca de um terço de todas as aldeias foram devastadas ou abandonadas entre 1578 e 1583.”

Os Cossacos<sup>11</sup> foram um dos poucos grupos que se arriscaram a sair da segurança das cidades muradas em busca de riquezas, ao empreender longas expedições nos campos selvagens para recolher riquezas como mel, pele de castor

---

<sup>10</sup> Os tártaros são um grupo étnico turcomano.

<sup>11</sup> Os cossacos são definidos de muitas formas por historiadores. A própria palavra cossaco originou-se da palavra turca Qazaq, que possui diferentes significados, tantos positivos quanto negativos, como ladrão e vândalo ou homem livre e vagante da estepe. Em termos gerais, entende-se por cossacos um povo nativo das estepes das regiões do sudeste europeu (principalmente da Ucrânia e do sul da Rússia) que se estabeleceram mais tarde nas regiões do interior da Rússia asiática.

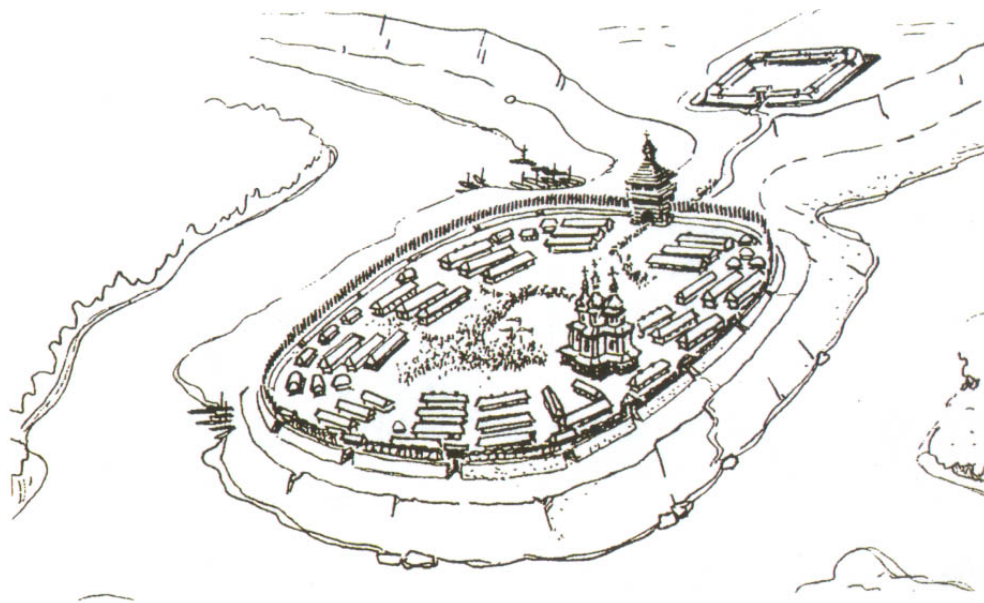
e peixes dos rios Dniپر e Don. Tais expedições passaram a se estender e através de ataques às populações locais, com o intuito de recolher riquezas materiais, foram formados assentamentos de expedicionários. Aos poucos, os cossacos passaram a reclamar para si grandes pedaços de terra e acabaram por expulsar os próprios tártaros.



(FIGURA 6 - Mapa das terras ocupadas por cossacos no século XVI. Fonte: [Business view Ukraine](#))

Esse fato passou a ser um problema tão grande aos tártaros que um de seus líderes escreveu para o Grão Duque de Moscou, exigindo que removesse os cossacos de suas terras. Na ocasião, o governo moscovita respondeu ao Canato da Crimeia da seguinte forma: “Muitos cossacos estão vagando pelos campos [...] estes criminosos que são ladrões para você são também ladrões para nós” (SHENK VK, 1912, p. 5).

No século XVI, os assentamentos cossacos começaram a desenvolver estruturas fixas e os assentamentos expedicionários deram lugar a comunidades adaptadas à vida na estepe. Dessa forma, o que era atividade caseira acabou se tornando um estilo de vida, e apesar de serem originárias de várias etnias e falar diferentes línguas, essas comunidades passaram a desenvolver uma identidade única.



(FIGURA 7 - Representação de um assentamento cossaco. Fonte: [Welcome to Poltava](#))

Essa identidade e independência autoproclamada foi reforçada pelos reinos e cantões<sup>12</sup> à sua volta, que por sua vez passaram a perceber e a se referir a eles como uma única nação cossaca. Com o tempo, tanto a República de Duas Nações<sup>13</sup> quanto o Grão-ducado de Moscou começou a tolerar a presença cossaca em suas fronteiras sul pela sua habilidade de viver na estepe.

Com a pacificação da região, os cossacos passaram a não mais atacar e pilhar os territórios dos reinos eslavos, o que acabou beneficiando o crescimento destes assentamentos de forma bastante acelerada, permitindo, inclusive, a chegada de servos dos reinos vizinhos, que migravam com o intuito de começar uma vida fora do regime de servidão.

---

<sup>12</sup> Cantão é uma espécie de divisão territorial adotado em alguns países - como, por exemplo, a Suíça.

<sup>13</sup> A República das Duas Nações, conhecida também por Comunidade das Duas Nações, Comunidade dos Dois Povos, Comunidade Polaco-Lituana ou Primeira República da Polônia (ZAMOYSKI, 2010).

## 2.4. A Ucrânia como república soviética

Com a expansão do Ducado de Moscou<sup>14</sup> e a formação do Império Russo, os cossacos foram absorvidos pelo império com privilégios especiais e uma legislação específica para que os seus costumes fossem contemplados, como o não pagamento de impostos ou o direito de ser proprietário da terra em que plantavam. Em contrapartida, os cossacos deviam servir como soldados<sup>15</sup> do império.

A utilização militar dos cossacos pelo Czar foi reforçada em 1917, quando tentou-se suprimir os protestos que desencadearam na guerra civil. Apesar da deserção de tropas cossacas em Petrogrado logo no segundo dia de protestos, ao final do conflito esse povo passou a ser visto como leal ao Czar pelo recém estabelecido governo soviético.



(FIGURA 8 - Nicolau II e sua família cercados de oficiais cossacos, 4 de outubro de 1916.

Fonte: [Wikipédia](#) em inglês)

<sup>14</sup> No século XV, os grão-príncipes da Moscúvia começaram a reunir as terras russas para aumentar a população e riqueza sob seu domínio. O mais bem sucedido foi Ivã III, o Grande, que governou Moscou entre 1462 a 1505 (FIGES, 2023).

<sup>15</sup> Os cossacos eram considerados uma excelente unidade de cavalaria leve e ficaram famosos durante a invasão napoleônica do Império Russo pela sua habilidade de perseguir e fazer pequenos ataques. Sobre os cossacos, Napoleão (apud Summerfield, 2005. p. 121), afirmou o seguinte: "os cossacos são as melhores tropas leves entre todas as que existem. Se eu os tivesse no meu exército, atravessaria o mundo inteiro com eles".

No entanto, vale ressaltar que a comunidade cossaca não era coesa no que diz respeito ao apoio político ao Czar: aqueles que serviam ao exército e advinham de classes mais baixas da sociedade e viviam em grandes cidades tendiam a ser mais favoráveis ao governo socialista, enquanto aqueles que viviam nos assentamentos cossacos sobre a governança das krugs<sup>16</sup> tendiam a ser favoráveis ao governo Czarista.

Em 22 de dezembro de 1917, o congresso soviético decidiu abolir os direitos e deveres especiais dos cossacos, dando fim ao regime de governança democrática própria dos krugs, extinguindo o regime especial de pagamento de impostos e de servidão ao exército. Tais medidas foram interpretadas como um ato de guerra pelos cossacos, que por sua vez, causaram diversas revoltas no território onde hoje é a Ucrânia, em 1918.

Em Janeiro de 1919, após a supressão destas revoltas, o partido bolchevique institui, via uma resolução interna e secreta, a política de decossaquização (*расказачивание*), uma série de medidas que visavam enfraquecer a representatividade cossaca: execução de lideranças, a compulsória assimilação cultural das classes mais baixas da sociedade e a deportação forçada. Tal ato é considerado como um genocídio por Peter Holquist (1997, p.127):

“A política de decossatização é uma demonstração precoce da dedicação do regime soviético à engenharia social. precedeu a deskulakização por mais de uma década e, de certa forma, representa uma tentativa ainda mais radical de eliminar grupos sociais indesejáveis”.

Durante a guerra civil e os primeiros anos do governo Bolchevique, a região que hoje se encontra a Ucrânia passou por diversos governos, com destaque para a República Popular da Ucrânia e a República Socialista Soviética da Ucrânia.

---

<sup>16</sup> Assembléias cossacas, seguindo o modelo democrático de sua cultura.





(FIGURA 9 - Mapa da Ucrânia segundo um cartão postal ucraniano em 1919. Fonte: [Wikipédia em Ucraniano](#))

A República Popular da Ucrânia (1917 - 1921) foi uma república socialista independente que, apesar de ter aliança com Moscou, buscava seguir seu caminho socialista de forma independente da República Socialista Soviética da Rússia. Essa aliança, inicialmente aceita pelo governo bolchevique, é dissolvida logo após a saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial. O líder bolchevique, Vladimir Lênin, passa a intervir nas questões políticas do país ao enviar tropas para controlar o território ucraniano, dando início a uma invasão conhecida como Guerra de Independência da Ucrânia. Ao tomar a cidade de Kyiv, a cidade passa pelo primeiro processo por um doloroso processo de russificação, com assassinatos sumários de quem se atrevesse a falar ucraniano publicamente.

A República Socialista Soviética da Ucrânia (1919 - 1991) passou por diversas tentativas de russificação de seu território durante o regime soviético. Entre as várias ações coercitivas destacam-se a deportação forçada de intelectuais e líderes comunitários identificados com a cultura ucraniana para os Gulags na Sibéria, reeducação de crianças para a língua e cultura russa, proibição de



manifestações culturais ucranianas e realocação de nacionais russos para dentro de territórios ucranianos.

Durante o período da Ucrânia soviética, um evento marcou a tortuosa história ucraniana e repercutiu até os dias atuais: o Holodomor, período de em que a população sofreu com uma grande fome, entre os anos de 1930 e 1933. Autores como Simon Starow (2021) e Anne Applebaum (2019) atribuem a responsabilidade pela tragédia ao governo socialista, que optou por dar preferência à distribuição da comida centralizada em Moscou ou nas regiões de maioria russa, o que causou a morte de milhares de pessoas de nacionalidade não-russa, majoritariamente ucranianos e cazaques:

“A única defesa concebível é que Stalin e seus associados não sabiam sobre a fome. Isto parece impossível de manter diante do exposto acima. O veredicto deve ser que eles sabiam que os decretos de 1932 resultariam em fome, que eles sabiam no próprio curso da fome que este tinha sido de fato o resultado, e que foram emitidas ordens para assegurar que a fome não fosse aliviada, e para confiná-la a certas áreas.” (CONQUEST, 1986, p. 329)

Entretanto, de fato, não existe um consenso sobre o grau de responsabilidade do governo soviético, mesmo que grande parte das publicações sobre o tema após a dissolução da União Soviética considere o Holodomor como uma fome provocada por Moscou. Na verdade, não há provas concretas sobre o fato<sup>17</sup>, apenas depoimentos sobre o ocorrido, como o do jornalista galês Gareth Jones (2022), que esteve na Ucrânia no referido período.

## **2.5. Colapso da União Soviética e independência**

Em 1989, na cidade de Lviv, em meio à política de liberalização (Glasnost) promulgada pelo Secretário Geral do Partido Comunista Soviético, Mikhail

---

<sup>17</sup> Hoje, apenas o pesquisador Mark Tauger (2021) argumenta que a fome teria sido causada por eventos naturais.

Gorbatchov, surge o movimento Rukh ou Movimento Popular da Ucrânia, um coletivo composto por artistas e dissidentes ucranianos que adotou pautas de natureza nacionalista e independentista, nos mesmos moldes do que acontecia em outros países da Cortina de Ferro, como a Tchecoslováquia e os países bálticos.

O enfraquecimento do controle de Moscou sobre seus Estados satélites abriu espaço para que, já em 1990, o parlamento ucraniano declarasse soberania sob o seu território, ou seja, que apenas o governo de Kiyv teria controle total sobre o território da Ucrânia, com a possibilidade de vetar qualquer medida decidida por Moscou. Para legitimar o processo de soberania, o parlamento ucraniano decidiu por fazer um referendo sobre o Ato de Declaração da Independência, realizado na Ucrânia no dia 1 de dezembro de 1991. Uma maioria de 92,3% dos eleitores aprovou a Declaração de Independência elaborada pela Verkhovna Rada em 24 de agosto de 1991. Leonid Kravchuk é eleito como primeiro presidente do país e passa todo o seu mandato a organizar a estrutura do Estado.

Em janeiro de 1994 os presidentes russo, ucraniano e norte-americano assinam uma declaração que reafirma o compromisso da Ucrânia de transferir todas as ogivas nucleares da ex-União Soviética que estão armazenadas em seu território. A declaração também confirma a disponibilidade da Rússia em compensar a Ucrânia pelo valor do urânio altamente enriquecido nas ogivas os Estados Unidos estabelece as garantias de segurança que a Ucrânia receberá assim que aderir ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) como um Estado sem armas nucleares.

Durante a sua independência, a Ucrânia toma medidas pró-ocidente que são apoiadas com entusiasmo pela população, que vê com bons olhos a integração do país com o ocidente. Vários acordos foram assinados de 1994 a 2014, mas a política interna do país apresentou instabilidades que o levou a várias crises.

Em 1997 foi assinado uma parceria entre a OTAN e a Ucrânia, para debater a colaboração e a segurança na região. Isso fez com que a corrida eleitoral de 2004 se tornasse tensa, pois acabou despertando a ira de setores pró-Rússia da sociedade. Isso resultou na chamada Revolução Laranja, uma série de protestos e eventos políticos, ocorridos entre 2004 e 2005, que tomou diversos lugares de toda a Ucrânia, por conta dos resultados da votação para o pleito presidencial entre os

principais candidatos, Viktor Yushchenko (pró-ocidente) e Viktor Yanukovich (pró-Rússia). O candidato Yanukovich é eleito, mas é impedido de assumir o cargo após a suprema corte do país reconhecer as denúncias de fraude eleitoral em favor do candidato eleito. Com isso, Yanukovich é forçado a conceder a vitória Yushchenko e a Ucrânia continua a assumir uma posição pró-ocidente;

Em 2008, a Ucrânia assina um acordo de construção dos requisitos legais e econômicos com a União Européia para futuramente aderir ao bloco econômico.

Entretanto, após vencer uma nova eleição em 2010, Yanukovich interrompe as conversas com a União Européia, contrariando suas promessas de campanha, o que gera protestos massivos no país inteiro, causando 121 mortos e forçando Yanukovich a abandonar o país .

No mesmo ano, tropas Russas invadem a região da Criméia utilizando tropas que ficaram conhecidas no ocidente como “Little Green man” devido ao seu uniforme verde, mas sem identificação de país ou nome do soldado. O governo russo negou inicialmente a ligação com essas tropas, alegando justamente a falta de identificação, devido ao caos instaurado pelas manifestações, bem como a fuga do presidente Yanukovich. Sem uma resposta militar por parte da Ucrânia, a Rússia acaba anexando a península da Criméia.



(FIGURA 10 - Soldados Russos sem identificação “Little green man” em 2014 na Criméia

Fonte: [BBC](#))

Em um movimento coordenado juntamente com a tomada da Crimeia é iniciada uma revolta nas províncias de Luhansk e Donetsk, com a invasão de prédios públicos e delegacias. Os militantes, então, emitiram um ultimato ao governo de Kiyv para que se estabelecesse uma reaproximação com o governo Russo, abertura de um processo de federalização da Ucrânia e a organização de referendos de independência para as regiões. Ao receber a negativa do governo ucraniano, os militantes passaram a atacar cidades próximas e a entrar em confronto militar direto com as forças militares ucranianas.

Estes militantes foram abertamente armados, financiados e treinados por Moscou, o início dos atos sendo coordenado por agentes ou Ex-agentes da FSB e exército russo, como Igor “Strelkov” Girkin ex-coronel do exército russo e agente do FSB que coordenou a tomada de Sloviansk pelas tropas militantes em 2014 comandando as tropas da chamada “Donetsk People Republic”.



(FIGURA 11 - mapa das zonas ocupadas pelos rebeldes quando a linha de frente se solidificou ao final de 2014 e começaram as negociações. FONTE: [BBC](http://www.bbc.com))

## 2.6. A “Operação Militar Especial” e a retórica russa

Em abril de 2021, a Rússia iniciou um conjunto de ações com o intuito de preparar-se para uma futura operação militar na fronteira com a Ucrânia sob o pretexto de efetuar um exercício militar conjunto com Belarus. Em julho do mesmo ano Vladimir Putin escreve um texto intitulado “o passado conjunto de união entre ucranianos e russos”, em que reafirma a ideia oriunda do império russo de que existe uma Grande Rússia (Federação Russa), Pequena Rússia (Ucrânia) e a Rússia Branca (Belarus) e questiona a existência de um estado ucraniano fora da Federação Russa <sup>18</sup>. Putin afirma, também, que a dissolução da União Soviética é a maior tragédia do século XX e acusa o governo da Ucrânia de serem fantoches do Ocidente.

Esse acúmulo militar escalou para uma nova fase em outubro de 2021, quando tornou-se evidente a intenção daquelas tropas posicionadas próximas à Ucrânia, com a instalação de infraestruturas de campanha para a invasão, como hospitais de campanha, estoques de sangue, bases móveis de reparo de veículos e centros de logísticas integradas<sup>19</sup>. Durante essa escalada, o governo russo negou diversas tentativas de conversações com o governo ucraniano, argumentando que não faria sentido conversar com o mandatário do país vizinho enquanto este fosse “um vassalo do Ocidente” - ao mesmo tempo em que diversos membros do governo russo negavam a iminente invasão da Ucrânia.

---

<sup>18</sup> PUTIN, Vladimir. On the historical unity of Russians and Ukrainians. 2021.

<sup>19</sup> STEWARD, Phill. EXCLUSIVE Russia moves blood supplies near Ukraine, adding to U.S. concern, officials say. Reuters, 29 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/europe/exclusive-russia-moves-blood-supplies-near-ukraine-adding-u-s-concern-officials-2022-01-28/>>. Acesso em 27/02/2023.



(FIGURA 12 - Tropas russas no porto de Mariupol. Foto: Associate Press).

No dia 21 de fevereiro de 2022, a programação televisiva da Rússia é interrompida para a transmissão de um pronunciamento pré-gravado de Vladimir Putin intitulado “Discurso sobre os eventos na Ucrânia”. Esse discurso se baseia em sua tese publicada em julho de 2021<sup>20</sup>, ao afirmar que a criação do Estado ucraniano foi um erro histórico, além de existir um desejo latente da Ucrânia em destruir a Rússia. Ademais, ele reconhece as regiões rebeldes da Ucrânia como independentes e demanda que o governo Ucrâniano “pare todas as hostilidades” com a população russa daquela região.

Nesse discurso, como todo populista<sup>21</sup>, o presidente russo também dedicou grandes esforços a definir uma ideia particular de 'povo'. Neste caso, como bem salienta FIGES (2023), o povo russo é, contraditória e simultaneamente, étnico e multietnico: étnico, pois fez parte Indissociável de toda a diáspora que foi provocada pela desapareção da União Soviética no interior das novas fronteiras estrangeiras; e

<sup>20</sup> PUTIN, Vladimir. On the historical unity of Russians and Ukrainians. 2021.

<sup>21</sup> De acordo com SILVA (2023), populista é, de forma geral, um político que utiliza um conjunto de práticas políticas que se justificam num apelo ao "povo", geralmente contrapondo este grupo a uma "elite". Entre as suas características, destacam-se as seguintes: relação direta e não institucionalizada entre o líder e as massas; forte nacionalismo econômico e defesa da união das massas; liderança política baseada no carisma pessoal e na rede de clientelismo e frágil sistema partidário.



multiétnico, devido ao fato de que muitos de seus habitantes não são, de fato, de origem eslava.

Para a defesa desse axioma, Lebedynsky (2022) nos conta que a propaganda russa se apoia com frequência numa construção histórica politicamente conveniente. No conflito ucraniano, por exemplo, uma das figuras mais lembradas pelos russos é o príncipe Vladimir de Kiev. A narração épica das lendas do príncipe, considerado um símbolo pelo nacionalismo eslavo como unificador da "Grande Rússia" e responsável pela conversão do povo ao cristianismo, atua como marco sentimental que praticamente torna a agressão russa como obrigatória e solidária - já que os ucranianos estarem sendo moldados pelos interesses do Ocidente.

Este personagem - tão citado por Putin, nascido na atual Ucrânia e fundador da Rússia - personifica os laços históricos que fazem ambas nacionalidades um só povo e senta as bases referenciais para legitimar a visão de que sempre que um ucraniano-russo estiver em perigo, o Estado deve ir sua ajuda.

Além de suas declarações oficiais, grande parte dos meios de comunicação russos também apoiam a tese de que, pelo fato de serem o mesmo povo, as fronteiras que dividem a Ucrânia da Rússia também devem ser derrubadas. De acordo com Way (2022), este discurso midiático e governamental se apoia em um confuso etno-nacionalismo vazio, que o autor chama de nacionalismo étnico e multiétnico simultâneo.

Para o referido autor, é a partir dessa concepção que se compreende como uma obrigação moral intervir e defender qualquer russo cujos direitos são violados, independentemente se este se encontra dentro ou fora das fronteiras oficiais da Federação Russa. Não é fruto de causalidade que Putin e Lavrov ressuscitaram o histórico conceito de Nova Rússia (*Novorósia*) para designar as áreas ucranianas com maior densidade de russos étnicos - justamente a região de Donbass, uma área de 98 900 km<sup>2</sup>, no extremo leste da Ucrânia e sudoeste da Rússia, onde se encontra essa população.

Neste discurso, além de declarar que a Ucrânia é mais que um país vizinho - mas parte inalienável da história da cultura Rússia, pois ali habitam não só colegas,

mas amigos, parentes e pessoas ligadas pelo sangue e por laços familiares - Putin elencou uma série de outras questões:

- Que a Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia comunista e que esse processo começou logo após a revolução de 1917, quando Lenin e seus associados o fizeram de uma maneira extremamente dura com a Rússia – separando, cortando o que historicamente era terra russa. Putin ainda afirma que ninguém perguntou aos milhões de pessoas que vivem lá o que eles pensavam;
- Que, tanto antes como depois da Grande Guerra Patriótica, Stalin transferiu para a Ucrânia algumas terras que antes pertenciam à Polônia, Romênia e Hungria. Segundo Putin, nesse processo, Stalin deu à Polônia parte do que era tradicionalmente terra alemã como compensação e, em 1954, Khrushchev tirou a Crimeia da Rússia por algum motivo e também a deu à Ucrânia. Com efeito, foi assim que se formou o território da Ucrânia moderna;
- Que a desintegração da união dos países foi provocada pelos erros históricos e estratégicos por parte dos líderes bolcheviques e da direção do PCUS, erros cometidos em diferentes momentos na construção do Estado e nas políticas econômicas e étnicas. Segundo ele, o colapso da Rússia histórica conhecida como URSS está em sua consciência;
- Que, apesar de todas essas injustiças, mentiras e pilhagem total da Rússia, foi o povo russo que aceitou a nova realidade geopolítica que se formou após a dissolução da URSS e reconheceu os novos estados independentes. Para ele, a Rússia não apenas reconheceu esses países, mas ajudou seus parceiros da CEI, mesmo enfrentando uma situação muito terrível. Isso incluiu os ucranianos, que pediram aos russos apoio financeiro muitas vezes desde o momento em que declararam a independência. Ele ainda sustenta que a Rússia prestou essa assistência respeitando a dignidade e a soberania da Ucrânia;
- Que, de acordo com avaliações de especialistas, confirmadas por um cálculo simples de nossos preços de energia, os empréstimos



subsidiados que a Rússia concedeu à Ucrânia, juntamente com preferências econômicas e comerciais, o benefício geral para o orçamento ucraniano no período de 1991 a 2013 foi de US\$ 250 bilhões;

- Que, apesar de todos esses desafios, a Rússia sempre trabalhou com a Ucrânia de maneira aberta e honesta e, como já afirmou, respeitando seus interesses. Ele afirma que ambos os lados desenvolveram laços em vários campos. Assim, em 2011, o comércio bilateral ultrapassou US\$ 50 bilhões. Ele ainda pontua que em 2019, ou seja, antes da pandemia, o comércio da Ucrânia com todos os países da UE combinados estava abaixo desse indicador;

Após várias insinuações e denúncias de corrupção por parte de vários governos ucranianos, Putin finalmente questiona se o povo ucraniano está ciente de como seu país é administrado e se ele percebe que seu país não se transformou nem mesmo em um protetorado político ou econômico, mas foi reduzido a uma colônia com um regime fantoche de interesses ocidentais.

Após veicular esse discurso, em menos de 72h depois, na madrugada do dia 24 de Fevereiro de 2022, Putin autorizou a execução de ataques aéreos em todo o país, incluindo na capital Kiev, e a entrada de forças terrestres ao norte, leste e sul, iniciando a chamada “operação militar especial”, que se estende até os dias atuais.

Nas primeiras horas da manhã do mesmo dia, no horário russo, Putin anunciou que havia autorizado uma operação militar para 'proteger a população' no Leste ucraniano. Ele aproveitou, entre outras coisas, para justificar a operação como justiça para o que chamou de "genocídio" e "crimes" contra russos naquelas áreas, e como forma de "desmilitarizar e desnazificar" a Ucrânia - numa clara evocação das memórias coletivas dos ataques de Adolf Hitler na Europa, sobretudo da invasão dos nazistas contra a então União Soviética, e a noção de genocídio e limpeza étnica contra os separatistas russos na Ucrânia<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> “Veja íntegra do discurso de Putin que anunciou invasão da Rússia à Ucrânia”. Folha de São Paulo, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/veja-integra-do-discurso-de-putin-que-anunciou-a-invasao.shtml>>. Acesso em: 27/02/2023

Um dos argumentos geopolíticos mais enfatizados pelo mandatário russo foi a insistente expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), mesmo após o fim da guerra fria no final dos 80. Ele sustenta que, durante trinta anos, tentou, persistiu e pacientemente buscou chegar a um acordo com os principais países da Otan sobre os princípios de uma segurança igualitária e unida na Europa. Como resposta às suas propostas, ele disse que se debateu ou com enganações cínicas e mentiras, ou com tentativas de pressão e chantagem, enquanto a Otan, no meio tempo, e apesar de todos os nossos protestos e cuidados, se expandiu sem parar. Para Putin, a máquina de guerra da Otan se aproxima das fronteiras da Rússia, tornando-se um perigo para a segurança nacional.

Um ponto interessante no discurso é que Putin aproveitou a invasão da Ucrânia como uma oportunidade para contestar a configuração do atual sistema internacional. Ele inicia sua reflexão afirmando que após a dissolução da União Soviética iniciou-se uma espécie de partilha do mundo e as normas do direito internacional criadas até aquele momento reforçaram as disparidades e passaram a ser estorvadas por aqueles que se declararam vencedores da Guerra Fria - ou seja, Os Estados Unidos da América. Segundo ele, observou-se, após a derrocada da União Soviética, um estado de euforia por conta da sua superioridade militar - que ele cita como um tipo próprio de absolutismo moderno -, além de ter utilizado o triunfo ideológico para adotar e impulsionar decisões benéficas apenas para si próprio.

Com isso, de acordo com os argumentos de Putin, a situação começou a desencadear um outro cenário. Ele citou a operação militar contra Belgrado, com uso de aviação e mísseis bem no centro da Europa, mesmo sem a autorização do Conselho de Segurança da Organizações das Nações Unidas. Citou o uso ilegítimo da força militar contra a Líbia e a deturpação de todas as decisões do Conselho de Segurança da Organizações das Nações Unidas sobre a questão líbia, o que acabou levando à destruição completa do referido Estado muçulmano. De acordo com Putin, este fato condenou centenas de milhares de pessoas, não só na Líbia, mas em toda a região, dando lugar a um êxodo migratório massivo a partir do Norte da África e do Oriente Médio para a Europa.

Como desfecho de sua análise geopolítica mundial, Putin citou a sua aliada no Oriente Médio, a Síria de Bashar al-Assad, que sofreu uma grande ação militar da coalizão ocidental no seu território sem o consentimento do governo sírio e sanção do Conselho de Segurança da ONU é nada menos do que uma agressão, uma intervenção. Para ele, o resultado foi um enorme número de vítimas, destruição e um inacreditável aumento do terrorismo.

O discurso também se refere ao povo da Ucrânia, ao justificar que a anexação da Crimeia e de Sebastopol foi resultado da vontade da população que habita estas terras e da necessidade de protegê-los dos "natsik" - como os ucranianos chamam os nacionalistas locais. E também aos militares daquele país, ao invocar a memória dos pais e avôs, que segundo ele, não lutaram contra os nazistas, defendendo a Pátria comum, para que os neonazistas de hoje tomassem o poder na Ucrânia. Putin afirma, ainda, que eles fizeram um juramento de lealdade ao povo ucraniano, e não à junta antipopular que está roubando a Ucrânia e abusando desse mesmo povo.

Finalmente, no longo discurso, Putin justifica a operação para seus compatriotas, com argumentos parecidos com os que deferiu para os cidadãos e militares ucranianos. Ele finaliza sua fala afirmando que, como sempre ocorreu na história, o destino do país depende unicamente da capacidade de sua população multiétnica, em que as decisões tomadas serão implementadas com o intuito de proteger o país das ameaças externas.

## **CAPÍTULO 3 – O DISCURSO DO PRESIDENTE UCRANIANO EM MEIO À INVASÃO RUSSA**

A guerra da Ucrânia é, para muitos (PIELLA 2022; HARDING, 2022) , o maior conflito em solo europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Além das questões relacionadas ao *hard power*, isto é, utilização de armamentos militares, embargos econômicos e sabotagens à infra-estrutura civil do país, a referida guerra se notabilizou por um duelo de narrativas, em que ambas as partes as utilizaram no intuito de angariar o apoio internacional.

Neste capítulo, a atuação do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, no twitter será analisada sob a ótica das relações públicas internacionais.

### **3.1. Análise e categorização das postagens: o fenômeno Zelensky no Twitter**

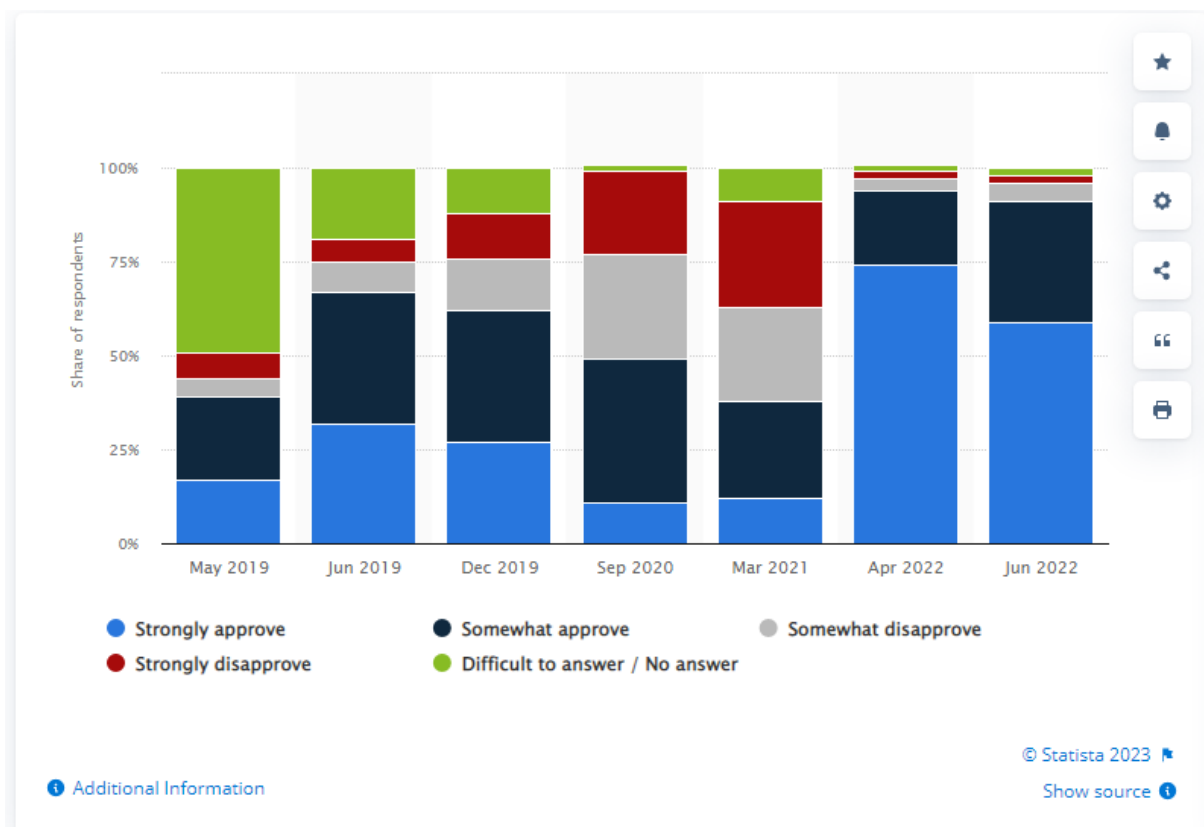
Volodymyr Zelensky - presidente da Ucrânia desde maio de 2019 - conseguiu ser eleito ao defender uma plataforma pró-ocidental e apresentar uma narrativa de “outsider” político, isto é, um homem bem-sucedido fora do sistema partidário vigente e que, portanto, poderia não apenas lidar com a corrupção política do país, mas também conduzir a integração da Ucrânia ao bloco europeu.

Por ser oriundo do *showbusiness* ucraniano, desde o início de sua campanha, Zelensky já demonstrava possuir uma habilidade comunicacional, sobretudo nos meios digitais - característica rara em políticos do leste europeu.

Apesar disso, a percepção geral do povo ucraniano é que faltava, por parte do seu governo, reformas estruturantes e uma atitude mais efetiva para conseguir vacinas durante a pandemia de Coronavírus em 2020. Por conta disso, a aprovação do governo de Volodymyr despencou de 67% em junho de 2019 para 38% em maio de 2021.

Entretanto, é a sua conduta durante a invasão russa da Ucrânia no dia 24 de fevereiro de 2022 que muda abruptamente a sua aprovação tanto dentro do país

quanto no exterior. Para se ter uma ideia do efeito da guerra na visibilidade de Zelensky, já nas primeiras horas da invasão a sua proximidade com o digital o permite ficar em constante contato com a população ucraniana e mundial, ao mesmo tempo em que se tinha notícia de helicópteros russos sobrevoando as cercanias da cidade Kyiv.



(FIGURA 13 - Pesquisa de aprovação de Volodymyr Zelensky nos Estados Unidos

Fonte: [Statista](#))

Para conter uma *fake news* disseminada pela maquinaria de propaganda de Putin, ou seja, de que o seu governo havia abandonado a Ucrânia, com a cidade ainda sob fogo, no amanhecer do dia 24 ao dia 25 de fevereiro, Zelensky e parte do seu gabinete aparecem em frente à sede do governo e gravam um vídeo de 30 segundos, no formato de *selfie*, emitindo a seguinte mensagem (WSJ, 2022):

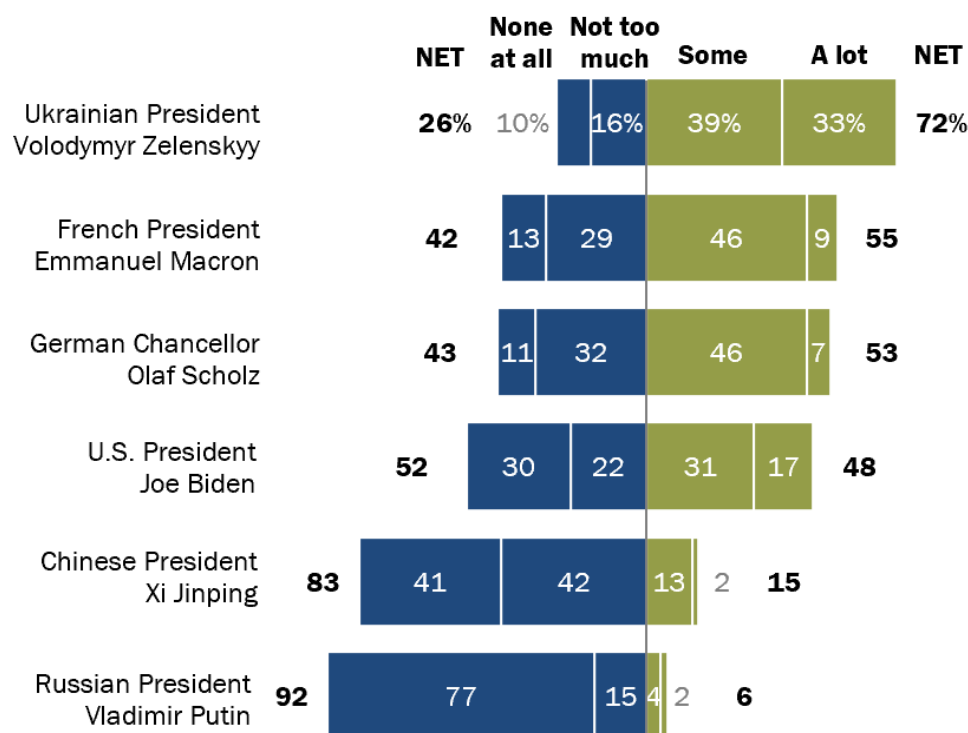
“Bom dia a todos. Líder do partido, presente. Chefe do gabinete presidencial, presente. Ministro da defesa, presente. Primeiro

ministro da Ucrânia, presente. Presidente, presente. Nossos soldados estão presentes, nossos cidadãos estão presentes, estamos todos presentes para defender a independência de nosso país e não vamos a lugar algum, glória aos nossos defensores, homens e mulheres, glória à Ucrânia.”

A rápida e constante comunicação empreendida por Zelensky, durante o começo da invasão, galvanizou a sociedade ucraniana e fez com que ele se tornasse um político com reconhecimento internacional.

### Around seven-in-ten Americans have confidence in Zelensky; only 6% say the same about Putin

% of U.S. adults who have \_\_\_ **confidence** in each leader to do the right thing regarding world affairs



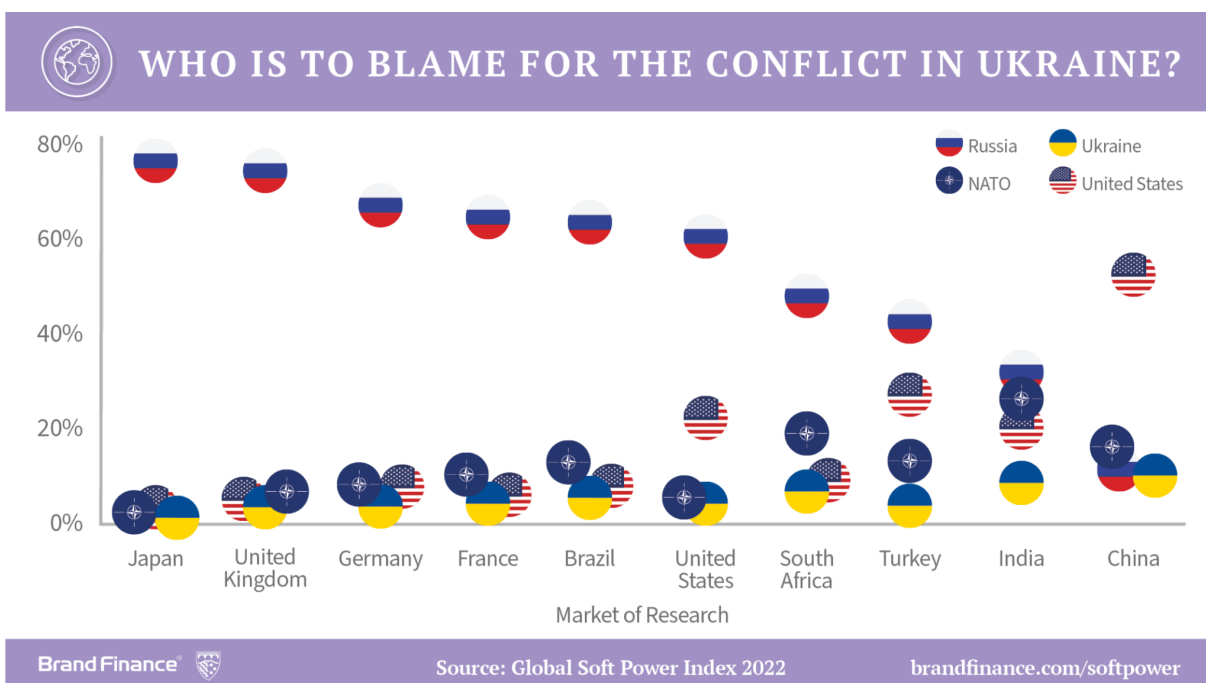
Note: Those who did not answer not shown.

Source: Survey of U.S. adults conducted March 21-27, 2022. Q18a-e, g.

PEW RESEARCH CENTER

(FIGURA 14 - Pesquisa de aprovação de governantes estrangeiros nos Estados Unidos Fonte: [Statista](#))

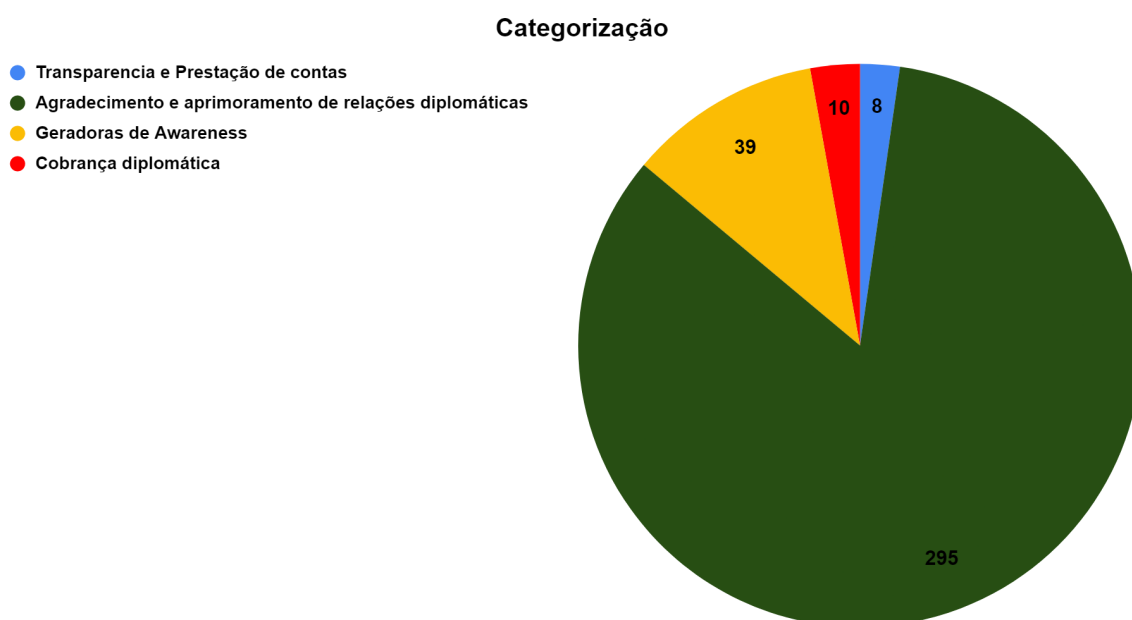
Ao lograr uma grande popularidade internacional, Zelensky passou a ser visto como um líder determinado a impedir a expansão da Rússia no Leste Europeu. Por meio de uma pesquisa, o instituto Pew Research descobriu que 72% dos americanos confiavam no referido político, número maior que qualquer outro líder pesquisado.



(FIGURA 15 - Com visões específicas da população de cada país, traduzindo-se na quantidade de apoio militar em relação ao PIB que tal país oferece à Ucrânia. Fonte: Global Soft Power Index 2022)

Como Zelensky, então, conseguiu essa notoriedade em meio a uma guerra tão danosa ao seu povo? Ao acompanhar as redes sociais do citado presidente da Ucrânia, sobretudo o Twitter - onde costuma se manifestar com mais assiduidade -, sob a ótica das Relações Públicas Internacionais, observou-se inúmeras mensagens em que ele se referia à guerra.

No intuito de compreender melhor como se deu a construção dessa narrativa por parte do país invadido, foram analisadas as postagens de Volodymyr Zelensky no Twitter, a partir da invasão russa ao território ucraniano. Observou-se que o político utilizou quatro estratégias para cativar a opinião pública internacional: transparência e prestação de contas, agradecimentos e aprimoramento de relações diplomáticas, geradoras de *awareness* e cobrança diplomática.



(FIGURA 16 - Categorização das postagens de Zelensky. Feito pelo autor)

Foram analisadas e categorizadas, ao todo, 295 postagens extraídas de seu perfil oficial em língua inglesa no ano de 2022. Vale ressaltar que todos os *tweets* no perfil oficial são publicados em pelo menos duas línguas: ucraniano e inglês. No entanto, os *tweets* direcionados para nações que não falam estas duas línguas são publicados na língua de origem dos mesmos, com exceção do Russo e Chinês.



Na categorização dos *tweets*, foi possível observar a predominância de postagens voltadas para o aprimoramento de relações diplomáticas. Já em relação aos *tweets* agrupados na categoria “agradecimento e aprimoramento diplomático”, foi possível notar dois tópicos que se destacaram: parabenização pelo vencedor de eleições (38 postagens) e agradecimento por interações ou decisões (198 postagens).

É digno de menção o número de países que o presidente da Ucrânia congratula publicamente pelo desfecho de eleições bem sucedidas - incluindo países que não representam grande importância diplomática para a Ucrânia. Podemos deduzir que esta se trata de uma estratégia para destacar o comprometimento ucraniano para com a democracia.

### **3.2. Transparência e Prestação de contas**

Refere-se à obrigação entendida pelo governo de Kiyv de prestar contas de suas ações e decisões, devendo explicar todas ações tomadas em relação à guerra - como, por exemplo, a utilização dos recursos.

Essa ação se deve ao fato do governo ucraniano entender que, para manter o apoio externo, sobretudo dos países ocidentais, é crucial adotar uma política de transparência (SIMÕES, 1995), uma estratégia tão cara à área de Relações Públicas, foi uma escolha muito bem sucedida por Zelensky, pois:

A escolha do instrumento certo, na oportunidade certa, para a mensagem certa destinada ao público certo, é que dá efetividade à técnica das Relações Públicas. Todos esses elementos interagem uns nos outros, de modo que qualquer modificação em um deles afeta os restantes. (PENTEADO, 1993, p. 110)

Nas postagens analisadas, observa-se o esforço de explicitar, principalmente, para um público externo, as ações do governo ucraniano nesse sentido. Foram ao todo oito postagens ao longo do ano de 2022 nesta categoria, sendo a que menos

aparece ao longo do tempo e que começa a aparecer de forma mais tardia no *Feed* do presidente Zelensky.



(FIGURA 17 - Postagem comentando sobre o papel da Ucrânia no andamento do acordo de exportações de grãos, Twitter, 3 de dezembro de 2022,)

Vale ressaltar que maioria destas postagens diz respeito ao cumprimento de acordos e tratados internacionais assinados pela Ucrânia ou pelo próprio ator político Zelensky e seus aliados.

### 3.3. Agradecimentos e aprimoramento de relações diplomáticas:

O objetivo do agradecimento diplomático é mostrar apreciação e reforçar os laços entre as partes envolvidas - além de fortalecer a imagem de respeito e

confiança entre as partes. Esse tipo de comunicação pode ajudar a promover uma atmosfera de cooperação e entendimento mútuo, e pode ser uma ferramenta importante na construção de relações positivas e duradouras entre as partes envolvidas.

De acordo com Roberto Porto Simões (1995), emprega-se esforços de relações públicas com o objetivo de se estabelecer e manter a compreensão mútua entre as partes, em que é forjada uma reciprocidade que só é possível quando o campo é comum.

Para uma melhor compreensão desse fato, vale citar uma reflexão de Dahrendorf (1973, p. 184):

Não pode haver conflito a menos que o mesmo ocorra em um contexto de significado, isto é, em algum tipo de sistema coerente. Não é concebível um conflito entre as donas de casa francesas e os jogadores de xadrez chilenos, pois esses dois grupos não estão 'unidos por' ou 'integrados dentro' de um quadro de referências comuns.

O governo Zelensky, devido a sua grande dependência da ajuda externa para combater a agressão russa, utilizou-se muito do *Twitter* como uma ferramenta para fortalecer as boas relações diplomáticas. Ele aproveita a plataforma para, publicamente, parabenizar governantes em suas eleições, oferecendo sua solidariedade em momentos de crise e celebrando conversas e acordos bilaterais.



(FIGURA 18 - Postagem de Volodymyr Zelensky parabenizando a eleição do presidente Lula no Brasil, Twitter, 31 de outubro de 2022)

Este foi, de longe, o tópico mais publicado pelo presidente, com 295 de 395 Tweets no ano de 2022. Foram empreendidos votos de agradecimentos e postagens de cunho diplomático foram direcionadas para mais de 50 países, variando de parabenizações aos recém-eleitos na Costa Rica até, por exemplo, um lamento pelas vítimas do acidente que vitimou dezenas de pessoas em Seul, na Coreia do Sul.



(FIGURA 19 - Postagem agradecendo o apoio financeiro e militar da Noruega a Ucrânia, Twitter, 30 de dezembro de 2022)

Este tipo de mensagem busca estreitar laços com um agente governamental, e por meio da publicização da mensagem angariar simpatia da opinião pública internacional. O esforço de Relações Públicas empreendido aqui, remonta à necessidade dos agentes públicos em aproximar-se da opinião pública, convertendo-a em parceira para seus empreendimentos em termos de visibilidade pública (DUARTE, 2007).



(FIGURA 20 - Postagem expressando condolências pelo incidente que deixou 153 mortos durante uma comemoração de Halloween em Seul, Twitter, 30 de outubro de 2022).

### 3.4. Geradoras de Awareness

Um *tweet* para gerar *awareness* é uma mensagem postada no *Twitter* com o objetivo de aumentar a visibilidade e o conhecimento de uma causa. O objetivo é chamar a atenção do público e incentivar a interação, compartilhamento e engajamento com a mensagem.

Normalmente, tweets para gerar *awareness* são criados com elementos visuais ou de linguagem atraentes e impactantes, como imagens, vídeos, hashtags ou frases de efeito. O presidente Zelensky postou vários *tweets* com esse objetivo. Ele publicou imagens impactantes da destruição causada pelo ataque russo, cenas de sofrimento do povo ucraniano e outros tipos de imagens dramáticas para agir como lembrete ao público externo do que ainda acontece durante a guerra.

Essas imagens buscam, por meio da tragédia, chamar atenção para os horrores da guerra, evocando nos vários povos que a acessam, emoções advindas de memórias da história de seus próprios países, criando uma rede de solidariedade extrafronteiriça. Como bem afirmou Simões (1995, p. 90), "relações públicas visam integrar interesses".



(FIGURA 21 - Postagem expressando indignação pelo ataque em um prédio residencial, à época, a mais de 20 quilômetros da linha de frente que deixou mais 30 civis mortos em Kramatorsk, Twitter, 30 de outubro de 2022).

A imagem é um recurso muito utilizado nas relações públicas, pois tem a capacidade de aproximar os públicos das causas defendidas pelo emissor (IZURIELA, 2003). Nesse caso específico, as 39 postagens observadas que foram inseridas nesta classificação objetivavam trazer a opinião pública internacional para o cenário da guerra, incutindo nela um sentimento de rechaço à Operação Especial russa e solidariedade ao povo ucraniano.

### 3.5. Cobrança diplomática

No campo das relações internacionais, a cobrança diplomática é uma ação realizada com o intuito de exigir que outro governo, organização ou ator político cumpra com seus compromissos ou obrigações, por meio de canais diplomáticos (DANTAS, 2022).



(FIGURA 22 - Postagem cobrando ações por parte da comunidade internacional a fim de evitar uma tragédia nuclear na maior usina nuclear da Europa que tornou-se parte do campo de batalha durante a maior parte da guerra e sofre com dificuldades para ser mantida e resfriada, Twitter, 18 de agosto de 2022)

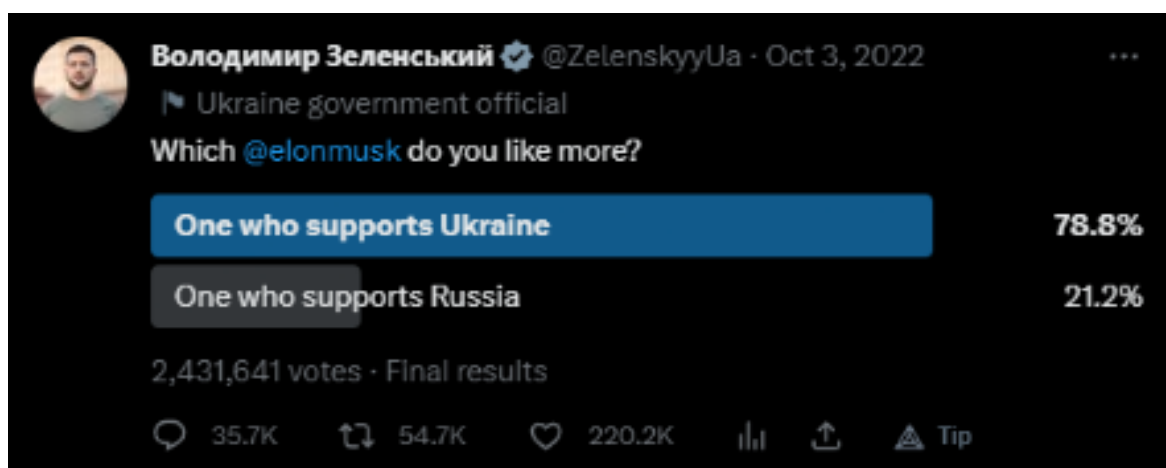
Foram empreendidas um total de 10 postagens desse tipo, nos momentos mais dramáticos da guerra, quando a Ucrânia precisava de ajuda para manter a sua autonomia política e territorial. É possível observar nos *tweets* do chefe de Estado ucraniano a utilização de sua imensa e recém criada influência para cobrar outros chefes de Estados em prestar ajuda à Ucrânia.

Nota-se que Zelensky investe num tipo de comunicação que, de maneira sutil, tenta cooptar o apoio dos líderes a partir da pressão resultante do número de visualizações de gente do mundo inteiro, incluindo cidadãos e eleitores residentes nos países desses mesmos mandatários. é um tipo de estratégia que, de alguma forma, objetiva a harmonia na sociedade, já que temas ligados à violência costumam ser vistos como uma linguagem comum entre os povos (SUBTELNY, 2009)

Para alcançar esse objetivo, Simões (2006, p.) afirma que:



este passa pelo atingir metas mais específicas, tais como obter a boa vontade, a boa imagem, a opinião favorável, o mito dos seus heróis e suas realizações, e a cooperação dos participantes, pois sem atitudes favoráveis aos interesses e às expectativas de ambos não se chega à harmonia.



(FIGURA 23 - Postagem ironizando as recentes falas do empresário Elon Musk que replicaram a retórica de Moscou mesmo que previamente o mesmo tivesse oferecido suporte material a Ucrânia, Twitter, 18 de agosto de 2022)

Nesse caso, Zelensky se aproveita da reputação adquirida ao longo da guerra, para cobrar governos ocidentais que adotaram uma postura mais comedida em relação à invasão russa, como foi o caso de Olaf Scholz, mandatário da República Federativa da Alemanha.

A reputação é um dos conceitos mais importantes na área de relações públicas (FORTES, 2003) e norteia a forma como agentes públicos utilizam as novas mídias institucionais para lograr a adesão da sociedade, tanto no âmbito local como internacional (BASKIN et al, 1997). Como "as bases do poder, em si, não provocam, diretamente, a manutenção ou modificação das atitudes, da imagem, da credibilidade e, conseqüentemente, da conduta "(SIMÕES, 2001, p. 60), Zelensky investiu em informação, elemento ativador e organizador do processo de relações públicas.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se estabelecer um diálogo entre os campos das relações públicas e das relações internacionais quando nos dispomos a analisar as postagens de Volodymyr Zelensky no Twitter, a partir da invasão russa ao território ucraniano, com o intuito de identificar as estratégias de Relações Públicas utilizadas pelo governo ucraniano para cativar a opinião pública internacional.

Para isso, antes de analisar o objeto de estudo, foi necessário contextualizar brevemente os avanços no campo de relações públicas no que diz respeito a sua função política e no campo de relações públicas internacionais e sua relação com o *soft power*. Além disso, o conhecimento das principais plataformas de comunicação digital utilizadas no âmbito das relações públicas internacionais fez entender a importância da área para os esforços de diplomacia dos países no século XXI.

Já a contextualização histórica tornou-se essencial para entender um conflito que tem origem na dissolução da Rússia de Kiev, ainda na Idade Média, que arrefeceu com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e voltou à tona no início dos anos 90 do século passado, com a dissolução do Estado soviético e consequente processo de independência das quinze nações que faziam parte do mesmo.

Ao fazer uma releitura da história daquela região da Europa, fica claro que a gênese do conflito entre a República da Ucrânia e a Federação Russa é o nacionalismo dos dois países, cujos interesses são, por si só, conflitantes e geradores de tensões políticas. Da parte da Ucrânia, temos um nacionalismo que se mostrou pró-Occidente desde quando o país conquistou sua soberania. No caso da Rússia, nota-se um nacionalismo que se moldou ao longo dos séculos, em oposição ao Occidente, que enxerga a Ucrânia como parte constituinte do seu território.

Ao resgatar a pergunta que norteou esta pesquisa - quais estratégias foram utilizadas para que o Twitter de Volodymyr Zelensky se convertesse num instrumento de *soft power* da Ucrânia? - observou-se que Zelensky foi muito

bem-sucedido ao empreender, de forma clara, estratégias de relações públicas internacionais voltadas para o público internacional.

Por meio de estratégias como transparência e prestação de contas, agradecimentos e aprimoramento de relações diplomáticas, geradoras de awareness e cobrança diplomática, ele conseguiu cooptar o apoio da comunidade internacional à causa ucraniana, aprimorou e expandiu as relações com vários países e logrou um papel de destaque para seu país dentro da comunidade internacional.

Estas estratégias, ao serem empreendidas em meio ao esforço de guerra ucraniano frente à invasão russa, se converteram numa espécie de clamor internacional pela soberania do referido país da Europa do Leste, o que acabou, inclusive, motivando vários países a fornecer armamentos de última geração - como foi o caso de Alemanha, Finlândia, que por razões históricas, evitaram se envolver no conflito quando este foi deflagrado.

Além disso, a Ucrânia resgatou um protagonismo regional que não se via desde o início do século passado, quando era, além de um dos principais celeiros agrícola da Europa, uma porção de terra que o efetiva como o segundo maior país em área da Europa, com uma localização geopolítica de suma importância para as questões fronteiriças que envolvem o continente europeu.

O êxito de Zelensky, em termos de visibilidade internacional, é uma prova da importância do Twitter como um poderoso instrumento de apoio à política externa - sobretudo para países subdesenvolvidos, que não possuem um papel de protagonismo em tempos de capitalismo tardio -, pois ao gerar atratividade, familiaridade, receptividade, empatia e visibilidade internacional para o país, ele auxiliou no processo de legitimação de pautas mais emergentes. No caso da Ucrânia, a defesa de sua soberania, o princípio de autodeterminação de seu povo e sua unidade territorial.

A concepção deste trabalho foi um grande desafio, pois a literatura sobre a Ucrânia, e mais especificamente sobre o conflito com a Rússia, precisou ser analisado de maneira fria e isenta, pois muitos dos comentadores da crise repetiam

as narrativas construídas por Vladimir Putin e Sergey Viktorovich Lavrov - diplomata russo e Ministro das Relações Exteriores da Rússia desde 2004 -, como também de Volodymyr Zelensky, que utilizou muito bem suas experiências como ator, roteirista, comediante e produtor/diretor cinematográfico para criar uma plataforma propagandística eficiente e persuasiva.

Finalmente, com os resultados alcançados, espera-se que este estudo contribua para o debate internacional dentro do campo das relações públicas e estimule outros alunos a pesquisar sobre a utilização de estratégias de relações públicas em contextos internacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Brandy Stephanie Ribeiro. **Paving the K-Way: análise da atuação do grupo BTS como representante diplomático da Coreia do Sul**. Orientadora: Gibson Dantas. 2022. 90 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/253642>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender Relações Públicas**. São Paulo: Loyola, 1993.
- APPLEBAUM, Anne. **A fome vermelha: A guerra de Stalin na Ucrânia**. Rio de Janeiro: Record, 2019
- AUSTIN, Anthony; HOLLANDER, Paul; ÎAKOVLEV, Aleksandr Nikolaevich. **A century of violence in Soviet Russia**. Cambridge: Yale University Press, 2002.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea** Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- BRASIL, Avio Arouca. **Relações Públicas Internacionais**. Revista Comunicação e Relações Públicas. São Paulo: Editora da UNESP, julho de 1997.
- BASKIN, O.; ARONOFF, C.; LATTIMORE, D. **Public relations: The profession and the practice**. Dubuque: Brown Publishers, 1997.
- BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Kievan Rus**. In: Encyclopedia Britannica, Fevereiro 2023, Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Kyivan-Rus>. Acesso em 03 March 2023.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CURTA, Florin . **The Making of the Slavs: History and Archaeology of the Lower Danube Region, c. 500–700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DAHRENDORF, Ralph. **Class and class conflict in industrial society**. Stanford: Stanford University Press, 1973.
- DANTAS, Guibson. **As Relações Públicas Internacionais como instrumento de política externa brasileira: o caso da Declaração de Teerã** . Animus. Revista

Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 21, n. 46, 2022. DOI: 10.5902/2175497768225. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/68225>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2023.

DANTAS, Guibson. **T.CH.AO: uma proposta de desenho metodológico para Trabalhos de Conclusão de Curso no âmbito das Relações Públicas Internacionais**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 06.,2023, Boa Vista. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

DANTAS, Guibson. **O que é, afinal, Relações Públicas?** In **XXVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** - Curitiba-PR/2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p93arpy>. Acesso em 22 fev 2023.

DIAS, Reinaldo. **Relações Internacionais: introdução ao estudo da sociedade internacional global**. São Paulo: Atlas, 2010.

DUARTE, Jorge. **Comunicação e opinião pública**. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2007.

FIGES, Orlando. **A tragédia de um povo**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FIGES, Orlando. **História da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FORTES, W. G. **Relações públicas: processo, funções, tecnologia e estratégias**. São Paulo: Summus, 2003.

GRUNIG, James E. **A função das relações públicas na administração e sua contribuição para a efetividade organizacional e societal**. Trad. De John Franklin Arce. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo : Póscom-Umesp, a. 24, n.39, p.67-92, 1º sem. 2003.

HARDING, Luke. **Invasion: The Inside Story of Russia's Bloody War and Ukraine's Fight for Survival**. New York, 2022

HAVELOCK, H. **The Cossacks in the Early Seventeenth Century**. Oxford, *The English Historical Review*, v. 13, n. 50, p. 242-260, 1898.

HOLQUIST, Peter. **"Conduct merciless mass terror": decossackization on the Don**, 1919. Londres: Cahiers du Monde russe, 1997.

IZURIELA, Roberto. **La Comunicación Política en la era del entretenimiento – Un estudio de la comunicación y las Relaciones Públicas para Gobiernos**. In: Estrategias de comunicación para gobiernos. Buenos Aires: La Crujiá, 2003.

JONES, Gareth. **Fome na Ucrânia: Os relatos do front do Holodomor**. São Paulo: Avis Rara, 2022.

KAPPELER, Andreas. **Die Kosaken**. Berlim: CH Beck, 2013.

KRASTEV, Ivan; LEONARD, Mark. **Fragile unity: Why Europeans are coming together on Ukraine (and what might drive them apart)**. In: European Council on Foreign Relations, March 2023, Disponível em: <https://ecfr.eu/publication/fragile-unity-why-europeans-are-coming-together-on-ukraine/#about-the-authors> em 18 March 2023.

**Kievan Rus**, In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2022, Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Kievan\\_Rus%27&oldid=1145478788](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Kievan_Rus%27&oldid=1145478788). acesso em 01 Março 2023.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

LEBEDYNSKY, Iaroslav. **Ukraine, une Histoire en Question**. Paris: L'Harmattan, 2022.

MAGOCSI, Paul R. **A history of Ukraine: The land and its peoples**. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

O'ROURKE, Shane. **The Cossacks**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

O'ROURKE, Shane. **Warriors and Peasants: The Don Cossacks in Late Imperial Russia**. Manchester: Springer, 2000.

PLOKHY, Serhii. **A porta da Europa: uma história da Ucrânia**. Lisboa: Ideias de ler, Lisboa, 2022.

PIELLA, Guillem Colom. **La guerra de Ucrania: Los 100 días que cambiaron Europa**. Madrid: Los Libros de La Catarata, 2022.

PIMENTA, Lidiane Malagone. **Relações Públicas Governamentais: novas tendências para o relacionamento entre governo e cidadão**. Bauru/SP: Textis, 2007.

Ploky S. **Lost Kingdom : A History of Russian Nationalism from Ivan the Great to Vladimir Putin**. Cambridge, Lieu de publication inconnu: Penguin Books; 2018.

**Pontic–Caspian steppe**, In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2022. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Pontic%E2%80%93Caspian\\_steppe&oldid=1123767511](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Pontic%E2%80%93Caspian_steppe&oldid=1123767511) Acesso em Março 03, 2023

**PRIMARY CHRONICLE** (filme). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2023. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Primary\\_Chronicle](https://en.wikipedia.org/wiki/Primary_Chronicle). Acesso em 24 jan. 2023.

PORTAL, Roger. **Rumos do Mundo - os Eslavos Povos e Nações**. São Paulo: Edições Cosmos, 1968.

PRICE, Neil. **Vikings**. São Paulo: Crítica, 2021.

SILVA, Daniel Neves. **"O que é populismo?"**; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-populismo.htm>. Acesso em 30 de março de 2023.

SGORLA, Fabiane; PÉRSIGO, Patrícia Milano; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **A FUNÇÃO POLÍTICA DE RELAÇÕES PÚBLICAS NA LEGITIMAÇÃO ORGANIZACIONAL**. Cadernos de Comunicação, v. 15, n. 1, 2011.

SUMMERFIELD, Stephen. **Cossack Hurrah!: Russian Irregular Cavalry Organisation and Uniforms During the Napoleonic War**. Loughborough: Partizan Press, 2005.

STAROW, Simon. **Holodomor: o Holocausto Esquecido**. São Paulo: Vide, 2021.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: função política**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1995.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas e Micropolítica**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2001.

SIMÕES, Roberto Porto. **Informação, inteligência e utopia: contribuições à Teoria das Relações Públicas**. São Paulo: Summus, 2006.

SIMÕES, Roberto Porto. **Por uma rede teórica para relações públicas: uma forma abreviada da teoria**. In: KUNSCH, Margarida M. K. K (org.). **Relações Públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, 2009.



SUBTELNY, Orest. **Ukraine: A History**. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

TAUGER, Mark B. **Agriculture in world history**. Morgantown: Routledge, 2020.

**Vikings East**, In: ASNC Viking. The Department of Anglo-Saxon, Norse and Celtic, University of Cambridge, 2019. Disponível em: <https://www.asncvikingage.com/vikings-east> Acesso em March 03, 2023.

WSJ. **Ukrainian President Zelensky Says Country's Leaders Remain in Kyiv**, 25 de fev 2022, Disponível em [https:// www.wsj.com/video/video-ukrainian-president-zelensky-says-countrys-leaders-remain-in-kyiv/CFFBD1E0-2208-4379-A93E-85DA5CEC9228.html](https://www.wsj.com/video/video-ukrainian-president-zelensky-says-countrys-leaders-remain-in-kyiv/CFFBD1E0-2208-4379-A93E-85DA5CEC9228.html)

ZAMOYSKI, Adam. **História da Polônia**. Lisboa: Edições 70, 2020.

WAY, L. **Pluralism by Default: Weak Autocrats and the Rise of Competitive Politics**. Johns Hopkins University Press, 2015.